

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
UFRPE-UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - INGLÊS

Lorrayne Johanson de Abreu

**INSIDIOSIDADE NA RETÓRICA DISCURSIVA HITLERISTA: LINGUAGEM,
DISCURSO E PODER.**

GARANHUNS

2019

LORRAYNE JOHANSON DE ABREU

**INSIDIOSIDADE NA RETÓRICA DISCURSIVA HITLERISTA: LINGUAGEM,
DISCURSO E PODER.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras Português/Inglês, sob a orientação do Professor Me. Cristiano Soares de Lima.

GARANHUNS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

A162i Abreu, Lorryne Johanson de
 Insidiosidade na retórica discursiva hitlerista: linguagem,
 discurso e poder / Lorryne Johanson de Abreu. – 2019.
 76 f. : il.

 Orientador: Cristiano Soares de Lima.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)–
 Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento
 de Letras, Garanhuns, BR-PE, 2019.
 Inclui referências e apêndice(s).

 1. Análise do discurso 2. Retórica 3. Linguística I. Lima,
 Cristiano Soares de, orient. II. Título

CDD 401.41

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Cristiano Soares de Lima (Orientador)

Prof. Dra. Juliene da Silva Barros Gomes

Prof. Ma. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Às mais de seis milhões de pessoas que foram brutalmente silenciadas para sempre. A todas as vítimas que sobreviveram às atrocidades do Nazismo e seguem contando suas histórias.

*À Ulisses, Mônica, Magnum, Geórgia, Aquinelo, Maria, Wagner e Cristiano:
minha família.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus. Dono da minha vida, Senhor de toda sabedoria, detentor de todo poder. A Ele, o grande Eu Sou, toda honra e toda glória sejam dadas hoje e sempre. Grata pelos “nãos” de tantas orações, pois me fez entender que Teus caminhos são melhores que os meus.

Aos meus pais, Ulisses e Mônica, por absolutamente tudo. Tudo. Desde os ensinamentos mais simples aos mais complexos, dos piores aos melhores momentos, do mais firme “não”, ao mais preciso “sim”. Vocês sempre estiveram lá. Como leões que protegem os seus, eu fui e sou protegida e amada. De nada sinto falta. Obrigada pela vida. Obrigada por serem muito mais do que poderiam ou deveriam ser.

Aos meus irmãos, Magnum e Geórgia, o par de anjos (às vezes, das asas quebradas) que o Pai Celestial me enviou para que eu amasse incondicionalmente até o último dos meus suspiros. Obrigada por serem a minha maior fonte de alegria. Obrigada por ensinarem a mim, a irmã mais velha, que a vida é simples e não permite ensaios. E que ela pode e deve ser vista por ângulos nunca antes imaginados.

Aos meus avós, Maria e Aquinelo, por serem o porto seguro e a âncora da minha embarcação. Todo amor do mundo e toda gratidão que existirem não poderiam ser comparados ao que sinto por vocês.

A meu namorado, Wagner, a quem eu amo mais a cada segundo que passa. Obrigada por ser meu destino final, por me amar a cada milímetro e a cada gota desses muitos mares e quilômetros que hoje nos separam geograficamente. Obrigada pela perseverança, paciência, pela fé e esperança. *“If I need evidence that God is good, just looking at you is enough. You are the grace of my life”*. A vida, compartilhada com você, é infinitamente mais gostosa.

Ao meu orientador, amigo-irmão e futuro padrinho, Cristiano, a quem admiro profundamente. Grata por todos os momentos inesquecíveis, desde os ombros dados para que eu chorasse, às inúmeras risadas compartilhadas. Por ser muito mais que um professor e conquistar um espaço tão importante em minha vida. Nada teria sido o mesmo sem você. Ou, talvez, nem mesmo teria sequer, sido.

À Diana Vasconcelos, professora, amiga e família, por ser tão... você! Grata por todos os ensinamentos dentro e fora da sala de aula, por ter me apresentado a

pessoa que mudaria o meu destino, por ter me incentivado e torcer tanto por mim. As palavras nunca serão suficientes para dizer o quanto te admiro e quanto sou feliz por mudar minha vida (para melhor) para sempre.

À Emanuelle Albuquerque (Manu), que um dia recebeu uma menina de 18 anos desesperada na sala da coordenação, porque precisava ser matriculada a tempo. Mal sabíamos o que os quatro anos seguintes aguardavam! Grata por aquele dia e todos os outros que o sucederam. Você foi e é uma pessoa essencial na minha formação! Obrigada por compor a minha banca.

À Juliene Barros, uma professora fantástica que fez com que eu me apaixonasse pela Linguística e admirasse ainda mais a área que hoje sigo. Grata, também, por ter aceitado compor a minha banca.

Aos meus amigos, que são a família que Deus me permitiu escolher. Deixo aqui um abraço carinhoso a Valdelino (Lino) e Swianne, que me acompanham desde o início. Aos meus colegas de turma e pessoas que admiro para além da sala de aula: Elias, Lara, Larissa, Maryllia e Moacir. Agradeço imensamente também à irmã que o CMRJ me deu: Júlia Barroso. Grata todas as pessoas que Garanhuns me deu de presente, em especial: Matheus Rocha e Amanda Oliveira, por terem sido verdadeiros irmãos em Cristo. Agradecida às pessoas por demais queridas que encontrei ao longo dessa jornada da UAG e que não irei citar nomes para não correr o risco de me esquecer de alguém.

Ao Programa Idiomas sem Fronteiras e à CAPES, que me desafiou todos os dias e reafirmou em mim a paixão pela docência. Imensamente grata ao professor Júlio Vila Nova e a professora Júlia Larré, meus coordenadores, que sempre estiveram ao meu lado – apesar de todos os quilômetros que separam Garanhuns de Recife. E, ainda, a todos os colegas e experiências inesquecíveis que o programa me trouxe.

Aos demais professores e funcionários que compõem a UFRPE que cruzaram meu caminho e me marcaram de alguma forma. A todos aqueles que estiveram comigo no percorrer desses anos e que contribuíram direta ou indiretamente na minha formação.

“É da nossa responsabilidade preservar a memória do Holocausto, porque somos o eco de mais de seis milhões de pessoas que não puderam manifestar-se.”

(Rabino Daniel Litvak)

RESUMO

Considerando-se o marcante “legado” de Adolf Hitler quanto à Segunda Guerra Mundial (doravante SGM), esta pesquisa, baseada em Análise de Discurso francesa psicanalítica (doravante AD), visa analisar um dos discursos de Hitler, proferido em setembro de 1934, voltado à Juventude Hitlerista. Atentando-se para as condições de produção desse discurso e para estratégias retórico-discursivas do locutor, é possível perceber diferentes interdiscursos (e distorções destes) dentre outros elementos abordados pela AD. Uma vez que, segundo Pêcheux (1997) e Orlandi (2009), as ideias escapam ao enunciador, é necessário traçarmos um percurso histórico de Hitler e a quem se destinavam suas palavras, já que as ideias podem mudar de sentido dependendo de quem as empregue. Uma vez que o discurso, em sua essência, resulta no agir sobre o outro, que o enunciador buscará conduzir o ouvinte ou leitor a pensar, dizer e agir conforme seu desejo, este se faz justamente como um dos pontos os quais esta pesquisa procura elucidar e analisar. Nessa linha, ao analisarmos o discurso em questão, procurar-se-á discutir como uma população parece ter sido motivada, através de utilizações discursivas distorcidas e extremistas, a engajar-se na SGM por meio de ideologias propagadas por alguém que se mostrava um habilidoso líder e discursista. Com isso, pretendemos, então, realizar (e contribuir com) discussões sobre escolhas e funcionamento discursivo; sobre como o discurso pode revelar mais do que o desejado pelo locutor (podendo deixar marcas que podem revelar traços provenientes do inconsciente); e quais os efeitos de sentido de cada uma das partes do discurso aqui em foco.

Palavras-chave: discurso; retórica; efeitos de sentido; inculcação culposa.

ABSTRACT

Considering Adolf Hitler's "legacy" regarding World War II (WWII), this research, based on French Psychoanalytical Discourse Analysis (hereafter DA), aims at analyzing one of Hitler's speeches, addressing Hitler's Youth in September 1934. Observing the conditions of production of such discourse and also the rhetorical-discursive strategies of the speaker, it is possible to note different interdiscourses (and their distortions) among other theoretical elements approached by the DA Field. Once ideas "escape" to the enunciating subject, according Pêcheux (1997) and Orlandi (2009), it deems necessary to conduct a brief background history check on Hitler and then check whom were his words pointed at, since the meaning of ideas can change depending on who is using them. Since the discourse, in essence, results in acting upon the other, as the speaker seeks to make the interlocutor think, say and act according to the will of the former, this research aims at shedding some light and analyzing exactly such point. In this regard, this research discusses how a population seems to have been motivated to engage on WWII through distorted and extremist discourses, and also by the use of certain ideologies spread by someone who happened to be a skilled leader and speaker. Thus, we intend to perform (and contribute to) discussions on discursive choices and their functioning; on how the discourse can reveal more than desired by the subject (which may leave marks which may reveal unconscious traits); and on what effects of meaning each of the parts of the discourse bring.

Keywords: discourse; rhetoric; effects of meaning; inculcation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Hitler no meio da multidão no Odeonplatz na mobilização do Exército alemão durante a 1ª Guerra Mundial, em Munique, 2 de agosto de 1914.	26
Figura 2: Hitler costumava usar a Cruz de Ferro no lado esquerdo do peito.	27
Figura 3: Meninos da JH saúdam Hitler	33
Figura 4: Membros da JH formam a suástica em homenagem a Hitler.....	344
Figura 5: Hitler ensaiava e estudava antes de proferir seus discursos	40
Figura 6: A bandeira nazista estava presente em todas as partes da Alemanha	599
Figura 7: menino da JH vestindo o uniforme da SS em comício.	599
Figura 8: Judeus eram obrigados a usar a estrela de Davi no lado esquerdo do peito.	60
Figura 9: Exército alemão avançando na Polônia, dando início à II Guerra Mundial, em setembro de 1939.....	61

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do Discurso de linha francesa
BDM	Liga das Moças Alemãs
Gestapo	<i>Geheime Staatspolizei</i>
JH	Juventude Hitlerista
PGM	Primeira Guerra Mundial
SGM	Segunda Guerra Mundial
SS	<i>Schutzstaffel</i>

SUMÁRIO

1 Introdução	14
2 Sobre o discursista.....	21
2.1 Adolf Hitler	21
2.2 O morador de rua que se tornou soldado	25
2.3 Ascensão de Hitler e do Partido Nazista.....	29
2.4 A Juventude Hitlerista	31
3 Percursos teóricos	37
4 “My German youth...”	48
4.1 Corpus e contexto imediato	48
4.2 Análise por excertos	50
4.3 Análise geral	65
Considerações finais.....	70
Referências	74
Apêndice.....	77

INTRODUÇÃO

Reconhecido historicamente pelos seus discursos de exemplar retórica, Adolf Hitler é um dos nomes mais lembrados em se tratando de Segunda Guerra Mundial (SGM). Apesar disso, falando especificamente do contexto acadêmico, ainda somos “cerceados” ao abordarmos sobre ele e demais assuntos que o envolvem em alguns trabalhos – a exemplo da medida¹ do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro que, no ano de 2016, proibiu reproduções, publicações, menções, etc. do livro *Mein Kampf*², a autobiografia de Hitler, que se tornou leitura obrigatória na Alemanha Nazista.

Uma vez que não se pode trabalhar com o livro escrito por ele, o que influenciou diretamente na escolha do *corpus* desta pesquisa, decidimos que trabalharíamos com um discurso cujo vídeo original pode ser facilmente encontrado, com transcrição e tradução, na *internet*, de acesso irrestrito ao público em sites como o *YouTube*, por exemplo.

De título “Adolf Hitler, speech to his youth³”, o discurso que será analisado foi selecionado, como já dito acima, por termos fácil acesso à sua versão original em alemão e em inglês – porém, sua versão transcrita e traduzida para a Língua Inglesa⁴ será a que iremos analisar, tendo como fundamentação teórica a Análise de Discurso (AD) de linha francesa em vertente Psicanalítica, com a finalidade de refletir sobre, analisar e discutir diferentes efeitos discursivos e implicações de palavras escolhidas, bem como averiguar e analisar práticas discursivas de cunho possivelmente extremista, fanático e/ou de inculcação culposa, a serem discutidos somente quando da análise do *corpus* e da conclusão.

Além disso, procurar-se-á ainda explicitar possíveis subversões interdiscursivas/intertextuais, discutindo-se cada uma delas apresentadas e, se preciso, considerar, unicamente dentro do âmbito específico da AD francesa

¹ Tal medida acarretou na busca e apreensão dos livros em editoras e livrarias.

² Traduzido para Língua Portuguesa como “Minha Luta”, teve sua primeira publicação no Brasil em 1934.

³ Este é o título que consta no vídeo que está disponível no *Youtube*. Visto que foi um discurso ao vivo, diante dos interlocutores, não há um título preciso.

⁴ A decisão de realizar a referida análise em língua inglesa se deu visto não termos habilitação no idioma fonte, isto é, naquele em que o discurso foi originalmente proferido, mas principalmente tendo em mente a proximidade germânica entre essas duas línguas, o que, talvez, venha a possibilitar uma negociação de ideias menos longínqua das originais, apesar de compreendermos muito claramente a questão de variadas influências subjetivas por parte do tradutor.

Psicanalítica, possibilidades de processamento ou linearidade mental / possíveis distúrbios psicológicos do locutor, os quais pareçam poder estar, de alguma forma e em algum momento, exercendo influência em seus discursos (ou serem percebidos neles), tomando também como base para isso a História (tanto do locutor em si quanto (d)os contextos específicos nos quais ele se insere – as condições de produção) e também, principal e obviamente, escolhas discursivas, resultantes desses contextos supracitados, que pareçam afetar os efeitos de sentido veiculados, chamando atenção, assim, para esses possíveis traços psicológicos do discursista em foco.

No entanto, é imprescindível ressaltar aqui, logo de início, que as menções a traços e/ou distúrbios psicológicos serão mínimas, pois não nos cabe aqui, tendo já sido explicitado nosso foco de trabalho, e também como não especialistas na área de Psicologia ou Psiquiatria *in loco*, traçar diagnósticos vastos e/ou “precisos” quanto à questão, visto também inúmeros outros fatores como: nosso objeto de estudo, ou seja, o proposto foco do trabalho (como já mencionado) e nossa formação em AD francesa Psicanalítica (e não pura e exclusivamente em Psicologia ou medicina psiquiátrica – como também já mencionado); a impossibilidade de diagnosticar alguém à distância (ou sem qualquer contato), principalmente quando esse sujeito se encontra morto há vários anos e que nunca passou por tratamentos psicológicos de qualquer natureza; sem contar ainda com o fato de que diagnósticos psicológicos de pacientes nem sempre são consensuais entre alguns próprios profissionais específicos e exclusivos da área (assim como em qualquer área existente, já que não é raro de se encontrar divergências teóricas (e/ou de leituras subjetivas) entre diferentes estudiosos dentro uma mesma área qualquer). Fica, portanto, a sugestão de um estudo específico para, talvez, a Psicologia, Psicoterapia, Psiquiatria e áreas afins.

Desse modo, entendemos que não há possibilidade de considerar qualquer sujeito desprovido de suas várias influências psíquicas (conscientes e, principalmente, inconscientes), as quais, por sua vez, estão, a todo o momento, tentando dar vazão a informações, memórias, desejos, medos, etc. que se encontram nele (no inconsciente) alojadas, o que, por sua vez, parece obrigatoriamente, influenciar o discurso dos sujeitos – cedo ou tarde – tornando, então, qualquer análise discursiva ainda mais complexa.

O discurso em questão foi proferido exatamente cinco anos antes (em setembro de 1934) de a SGM ter início – e faz-se interessante notar que nesse ano o discursista

já dava indícios (discursivos) sobre uma guerra vindoura - e pouco mais de um ano após Hitler ter sido nomeado Chanceler da Alemanha e, ainda, depois de ter fundido este cargo ao de presidente, tornando-se o *Führer*⁵. Isto formava um cenário que era favorável a Hitler: havia sido escolhido como chanceler por políticos influentes, tinha apoio populacional (visto que havia ficado em segundo lugar nas eleições para presidente), encontrava-se em um momento histórico de contexto sócio-político conflitantemente complexo, estava no ápice de seu poder e falava para uma população de maioria nazista: a Juventude Hitlerista (JH) - uma instituição criada a fim de doutrinar, intensivamente, milhões de jovens alemães desde sua infância (BARTOLETTI, 2006), influenciando, com tudo isso, a ideologia de toda uma geração. Desse modo, fica inegável que seu psicológico, e consequentemente, seu discurso, se mostra influenciado por todas essas situações explicitadas, não havendo, então, como conceber o sujeito e seu discurso sem um dos fatores principais que fazem gerar tal discurso: o psicológico.

Uma vez que, para a AD de linha francesa, não há discurso que seja meramente "raso" ou trivial, sendo todos eles resultados de infinitos outros, toda materialidade discursiva terá uma análise profunda, só podendo ser analisados levando-se em conta o contexto histórico e suas condições de produção (ORLANDI, 2009) e, como já apontado acima, falarmos sobre a época em que o *corpus* se insere, e sobre o sujeito em si, mostra-se de fundamental importância, até para se poder compreender minimamente diferentes constituições psicológicas primárias desse indivíduo em questão, que culminarão em discussões analíticas (de seus discursos) posteriores.

Por esse motivo, a análise do *corpus* deste trabalho traz análises ainda mais densas por levantar questões de ordem político-social, familiar, financeira, profissional, etc. Porém, mesmo diante de inúmeras evidências e fatos, ainda há, atualmente, um constante crescimento de neonazistas e negacionistas do Holocausto, que insistem em diminuir os impactos de discursos como este em questão.

De acordo com as informações do Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto em São Paulo, para a Organização das Nações Unidas (ONU), negar o

⁵ A palavra *Führer* significa "condutor", "guia", "líder" ou "chefe". A palavra está tradicionalmente associada a Adolf Hitler, embora permaneça comum no alemão.

Holocausto ou minimizá-lo é um crime contra a humanidade; além de a adesão pública ao nazismo ser proibida e criminalizada em diversos países, como é o caso do Brasil: a lei 7.716/89 prevê no seu artigo 20: "Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional" e continua, no parágrafo 1º do artigo 20, referindo-se ao "Crime de Divulgação do Nazismo" que consiste em

§1º - Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular, símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo. Pena - reclusão de dois a cinco anos e multa. (BRASIL, 1989)

Pensando nisso, elucidamos os questionamentos que nortearão esta pesquisa:

a) como um discurso pode convencer e influenciar grandes massas, a ponto de perpassar gerações e ainda parecer motivar pessoas nos tempos atuais, mais de oitenta anos depois?; b) quais são as relações entre discurso e poder?; e c) quais alguns dos possíveis significados e das possíveis implicações por trás de determinados discursos e o que eles dizem sobre quem os emite? Ou seja, como o locutor revela a si mesmo ao falar?

Para tentarmos responder a estas questões, como foco, ter-se-ão, na parte da análise do *corpus*, discussões e análises acerca de possíveis silenciamentos, diferentes tipos de memória discursiva, possíveis interdiscursos com áreas não bélicas – como um aparente resultado do Esquecimento II (ORLANDI, 2009) – e algumas formações discursivas e ideológicas de inculcação culposa para com os jovens alemães, visando, a partir disso, discutir como o discurso e seus variados tipos de influência e poder parecem poder exercer determinados tipos de controle ímpar na mente (consciente e/ou inconsciente) e, conseqüentemente, no comportamento de indivíduos, podendo conduzi-los a fins, algumas vezes, nem sempre inócuos; principalmente quando se atenta para determinadas mentes, responsáveis por tais discursos, as quais podem apresentar determinados distúrbios de ordem variada – dos mais corriqueiros aos mais complexos, como, por exemplo, egocentrismo, narcisismo, megalomania, esquizofrenia, psicopatia, etc., os quais gerariam discursos de ordem variada daqueles de pessoas tidas como “sãs”, “normais”, podendo, assim, acarretar resultados extremos – como alguns realizados pelo discursista aqui em questão.

Pêcheux (1997), ao abordar o materialismo histórico e a psicanálise, defende que a ideia escapa ao enunciador, e que as palavras, expressões, proposições e imagens mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. Levamos em conta que, ao falarmos, não apenas fazemos uso de componentes gramaticais, mas de desejos e subjetividades que nem sempre são de ordem consciente (NETTO, 2010).

Assim, todo discurso (político ou não) seria, em sua essência, uma tentativa de convencimento que se resulta no agir sobre o outro (CORACINI, 2007); ou seja, o enunciador, em seu discurso, buscará conduzir o ouvinte ou leitor a agir, pensar, dizer conforme seu desejo. Mas, para que isso aconteça de fato, faz-se necessário que, no discurso proferido, haja alguns estímulos capazes de sensibilizar o público alvo, tais como gratificações e/ou ameaças (OLIVEIRA JÚNIOR, 2011), algo que parece ser visto constantemente em inúmeras falas de Hitler, algumas vezes de modo sutil; outras, nem tanto.

Levando-se em consideração que a AD não está ligada somente à Linguística, mas também às Ciências Sociais (Filosofia, Sociologia e História, por exemplo), bem como à Psicologia / Psicanálise, sendo, necessariamente, então, uma ciência explicitamente interdisciplinar, este trabalho torna-se factualmente da mesma natureza; sendo preciso, então, uma visão que possa abranger um escopo reflexivo maior que o de uma única área (científica) em específico que geralmente tende a permanecer *in loco*.

Este trabalho de pesquisa, totalmente bibliográfico e documental, sendo, portanto, de cunho qualitativo-bibliográfico, atenta para os elementos acima expostos, para as condições de produção do discurso, bem como, e principalmente, para estratégias retórico-discursivas aparentemente insidiosas.

Como objetivo geral, pretendemos analisar um dos discursos de Adolf Hitler, tendo em vista variadas estratégias retórico-discursivas possivelmente insidiosas e, com isso, tentar trazer à luz algumas formações discursivas e ideológicas de inculcação culposa e alguns interdiscursos que parecem visar convencimento populacional massivo, abrindo certas margens para possibilidades de presença de distúrbios psicológicos do discursista em questão, uma vez que se considera a

natureza desses interdiscursos. Além disso, busca-se avaliar como, por meio dessas práticas, uma população jovem parece ter sido convencida a engajar-se no conflito.

Visando atingir nosso objetivo principal, alguns objetivos específicos são requeridos, entre eles: a) analisar o discurso de Hitler (*corpus*) à luz da AD francesa Psicanalítica, levando em consideração o contexto histórico em que ele se insere; b) discutir a relação entre discurso e poder; c) checar possíveis interdiscursos entre áreas aparentemente distintas, como arte, religião e militarismo, que podem resultar em práticas discursivas de caráter extremista; d) refletir sobre como o sujeito, através de parapraxias (em pleno ato discursivo, através de associação livre), pode (se) revelar mais do que desejado, denunciando determinadas características e desejos psicológicos inconscientes que requerem atenção e cuidado.

Apesar de o mercado editorial anualmente publicar um número considerável de obras acerca de Adolf Hitler, da Segunda Guerra Mundial e demais assuntos referentes ao tema (a exemplo de biografias de figuras importantes, curiosidades, etc.), esta pesquisa apresenta certo ineditismo, por possuir poucos trabalhos na área de Letras versando sobre a questão, sobretudo, nas subáreas de Linguística e de Análise de Discurso (AD).

Além disso, um dos objetivos do curso de Letras é formar indivíduos leitores em vários âmbitos (não meramente no sentido estrito da palavra, de ser capaz de simplesmente decodificar o que é lido), mas de interpretar, refletir mais criticamente e problematizar os sentidos mais profundos de um texto, seja ele verbal ou não. Assim sendo, a pesquisa aqui em foco dialoga diretamente com assuntos ainda atuais, levantando reflexões acerca de regimes políticos, de discursos e da influência que estes podem exercer em diferentes massas.

Tendo tais quesitos em mente, dividiremos este trabalho em três seções, estando dispostos da seguinte forma:

1) A primeira focará no contexto histórico em que o *corpus* se insere: diante da situação da Alemanha pós Primeira Guerra, Adolf Hitler recebeu grande apoio popular e seu partido, o Nazista, se tornou o segundo maior do país. Em um curto espaço de tempo, com a expulsão de alguns integrantes do parlamento alemão, ele se tornou líder ditatório e antissemita (KERSHAW, 2010; EVANS, 2016). Neste contexto, uma das instituições

criadas foi a Juventude Hitlerista, que existiu de 1922 a 1945 e que visava treinar crianças e adolescentes até os 18 anos para os interesses nazistas, sendo destinado a eles o discurso a ser analisado;

2) Na próxima seção, tomando como base nossas leituras e fundamentação teórica, discutiremos como elementos aparentemente contrastantes como militarismo, religião e arte se fundem de modo a tornar um discurso ainda mais retoricamente poderoso, capaz de cativar e dominar através da palavra (FAIRCLOUGH, 2015);

3) E, por fim, na última seção, trataremos do discurso em si (*corpus*), na íntegra, apresentando as devidas análises, conforme os procedimentos anteriormente expostos.

Ao final deste trabalho, pretendemos, após analisar o discurso em questão, checar e discutir se e/ou como uma população talvez possa ter sido motivada, através de utilizações discursivas extremistas sutilmente articuladas, a engajar-se no conflito por meio de ideologias propagadas por alguém que se mostrava um habilidoso líder e articulista discursivo.

Finalmente, é importante reiterar, uma última vez nesta seção, que, apesar de menções quanto a uma possível presença de determinados traços ou distúrbios psicológicos do discursista em foco, não se visa aqui focar nesse ponto, muito menos realizar quaisquer diagnósticos “exatos” ou “definitivos” dele, mas sim discutir algumas possibilidades destes, os quais afetariam, então, seus discursos de maneiras diversas, tornando-os ainda mais complexos e controversos devido a estados psicológicos “comprometidos”, isto é, não considerados “regulares” - tendo como base para tais discussões, teorias discursivas e psicanalíticas. Com isso, é interessante deixar claro que outros posicionamentos podem ser vistos.

2 SOBRE O DISCURSISTA

2.1 Adolf Hitler

Em 20 de Abril de 1889 em Braunau am Inn, uma pequena cidade da Áustria, fronteira com a Alemanha, nascia Adolf Hitler⁶, o primeiro filho do casamento de Klara e Alois Hitler a sobreviver depois de três irmãos mais velhos terem morrido precocemente.

Filho de um funcionário aduaneiro, Adolf Hitler cresceu numa família de classe média, que era composta por ele, seus pais, seus irmãos por parte de pai (filhos do primeiro casamento de Alois), empregada e, mais tarde, por Edmund e Paula, seus irmãos mais novos.

Por conta do trabalho, Alois se abstinha da tarefa de educar os filhos em casa e ficava ausente boa parte do dia, mas, quando presente, era:

Sumamente severo com eles, sobre quem descarregava sua cólera pelos motivos mais ínfimos, especialmente no pequeno Adolf, com quem era muito mais exigente que com o restante dos membros da família (CORES, 2009, p.18).

Sendo assim, Klara e sua empregada ficavam encarregadas de cuidar das crianças e educá-las. De maneira extremamente oposta a seu marido, Klara costumava ser uma mulher doce e gentil (KERSHAW, 2010), e seu amor e dedicação aos filhos eram sua principal marca.

Resumidamente, o futuro *Führer* da Alemanha cresceu entre dois extremos: as surras, brigas e intensa irritabilidade do pai e o carinho, apego e imensa afetividade da mãe.

Tudo isso se intensificou quando, aos seis anos de idade, Edmund morreu de sarampo. Levando-se em conta a realidade da sociedade patriarcal do início do século XX, restou a Adolf ser o futuro “homem da casa”. Dessa forma, as cobranças de Alois e a superproteção de Klara ficaram totalmente focadas no menino, para que ele correspondesse a todas as expectativas que lhe eram impostas pela família e, também, pela sociedade em que se encontravam.

⁶ Em alguns livros, o nome de Adolf é traduzido como “Adolfo”.

Tempos depois, a família se mudou para Linz (cidade que, para Adolf Hitler, era seu lugar natal) e ele foi matriculado numa escola técnica, contrariando seus desejos de ser artista. Como consequência, a criança se tornou um aluno:

Que não fazia pleno uso de seu talento, que era carente de atenção, incapaz de se adaptar à disciplina escolar. Foi caracterizado como obstinado, prepotente, dogmático e fervoroso. As críticas dos professores eram recebidas com uma insolência mal dissimulada. Com seus condescendentes, era dominante e uma figura dirigente (KERSHAW, 1999 *apud* CORES, 2009).

Como resultado de sua rebeldia, Adolf Hitler apanhava mais e era ainda mais pressionado por seu pai em casa. Em resposta, ele continuava a se declarar um artista e se opunha a tudo o que o pai esperava que ele fosse ou fizesse.

Para Hitler, a única coisa “boa” da escola era seu professor de História, Leonard Pötsch, com quem compartilhou e aprendeu vários ideais, dentre eles o repúdio à pátria austríaca (algo que seu pai amava), idolatria às raízes germânicas e o amor à Alemanha.

Essa contraposição de Hitler para com o pai e a tudo que este amava poderia ser, por um lado, uma reação ao modo como ele era tratado, principalmente quando em comparação à mãe, por exemplo; por outro, poderia ser uma atitude inconsciente de Hitler, como uma espécie de afronta, para chamar a atenção do pai e poder receber aquilo que realmente desejava. Quinet (2012, p. 10) nos explica que “o outro, quando não é objeto de desejo, é um estorvo, um inferno”.

Seria possível, assim, que o jovem Hitler pudesse ter tomado Pötsch como uma conveniente nova figura paterna, já que ambos pareciam compartilhar e alimentar, em alguns quesitos, determinadas ideias (sendo algumas delas extremistas) e, ao mesmo tempo, ir de encontro ao que o pai real considerava, considerando-se que “O outro é o eu ideal”, ou seja, o sujeito idealiza o eu, e tenta ao máximo se igualar à sua imagem, de acordo com sua (subjetiva) dimensão do Imaginário. (QUINET, 2012, p. 17).

Vale frisar, neste momento, que o “simples” fato de alguém nascer e crescer em um lar conflituoso, violento, abusivo, etc. não obrigatoriamente torna o indivíduo que ali cresceu como sendo da mesma (ou pior) natureza – o mesmo valendo para aqueles que nascem em lares amorosos, pacíficos, de diálogo, etc. O que se está tentando dizer é que tal ordem (de contato e crescimento social primário e basilar: a família) obviamente exerce influências diversas e imprevisíveis em cada indivíduo, moldando-os de alguma forma; esperando-se, assim, uma maior propensão a determinados comportamentos futuros (talvez até de replicação de alguns deles ou,

quem sabe, um metamorfosear de comportamentos observados) por influências diversas observadas quando ainda no seio familiar, variando de indivíduo para indivíduo.

Em outras palavras, nós entendemos que o sujeito pode se aproximar (ou se afastar radicalmente) daquilo pelo que passou; pode reprimir ou recalcar variadas experiências; pode ter fobias; distúrbios, enfim, apresentará algum tipo de comportamento que não seja simplesmente “ficar alheio” a tudo pelo que passou, com quem passou e por quem o fez passar.

Vale lembrar ainda que, obviamente, não são somente as vivências e influências familiares que exercem efeito no psicológico do sujeito, mas todos os outros contatos sociais (e, mais atualmente, virtuais) realizados por alguém, num perpétuo construir, desconstruir e reconstruir de seu Imaginário.

Com a morte do pai em 1905, Adolf Hitler, aos 16 anos, se tornou o senhor da casa e largou os estudos sem precisar de muitos esforços para convencer a mãe. Dedicou-se àquilo que considerava ser sua verdadeira vocação: a arte.

Durante dois anos ficou afastado de diversas atividades consideradas “normais” para os homens da época, como ingressar num emprego regular, casar-se e ter uma família. Ficou recluso, escrevendo, pintando e indo a óperas⁷. Até que, em 1907, convenceu a mãe de que deveria ir para a capital, Viena. Ela (já doente), mais uma vez, cedeu aos desejos do filho, entregando-o as economias para que vivesse na cidade.

Certo de sua aprovação, Hitler fez o exame para a Academia de BelasArtes, sendo reprovado – algo que o deixou extremamente decepcionado, pois considerava impossível que isto acontecesse (CORES, 2009; KERSHAW, 2010).

Então, voltou para Linz, onde cuidou da mãe com extrema devoção. Porém, um ano mais tarde, Klara faleceu e, logo em seguida, Hitler foi novamente reprovado no exame da Academia. A partir disso, aos 19 anos, começou a viver permanentemente na capital, com a pensão de órfão concedida pelo Estado e com o dinheiro que sua tia, Johanna Pölzl, havia lhe dado.

Ao chegar na capital, Hitler encontrou um local contrastante economicamente. Havia pessoas muito ricas, de uma forte aristocracia e tantas outras bastante pobres

⁷ Inclusive, uma de suas grandes paixões artísticas eram as óperas de Richard Wagner (EVANS, 2016).

e em situação de rua. Como consequência, as camadas menos favorecidas pressionavam as camadas mais privilegiadas – estas, por sua vez, obviamente não queriam que a situação mudasse (FEST, 2005). Além disso, “alguns viam não apenas seus interesses correndo perigo, mas também as raízes culturais germânicas que uniam a Velha Áustria e a Alemanha” (CORES, 2009, p. 25).

Em meio a esse cenário, encontrava-se o jovem Hitler, recheado dos ideais sobre raízes germânicas, vivendo num dos lugares mais miscigenados da época, com aproximadamente 10% de população judaica.

É importante citarmos dois políticos dessa fase: Georg Ritter von Schönerer, um extremista austríaco que militava por temas considerados das camadas mais baixas, como o antissemitismo, nacionalismo e pangermanismo. Karl Lueger, líder do partido Cristão Social, prefeito de Viena, que também difundia ideais antissemitas e racistas. Este segundo, influenciando a oratória de Hitler, pois colocava “o povo a seus pés e, ao mesmo tempo, solucionava a incapacidade de discussão de Schönerer” (CORES, 2009, p. 25). Dessa maneira, juntos, os dois formavam um “equilíbrio” e reforçavam a ideologia de Adolf Hitler.

Perto de onde o jovem Hitler morava, havia um quiosque que vendia jornais, revistas, cigarros e itens afins. Ali, acredita-se que ele lia um periódico de cunho racista chamado “Ostara”, que fazia algumas declarações como a dominação da “raça loira” (KERSHAW, 2010; FEST, 2005).

Tendo gasto tudo que tinha com atividades culturais e planos que deram errado, com o fim da pensão e de suas economias, nos idos de 1913, Hitler vendia quadros nas ruas, dormindo nelas, ou em albergues, quando o tempo estava ruim. Paralelo a isto, os judeus, em geral, ocupavam lugares de destaque na sociedade, “exerciam influência preponderante tanto na imprensa como em quase todos os grandes bancos de Viena e parte da indústria” (FEST, 2005, p.26).

Nesse contexto, fazendo uso de sua imaginação, Hitler fez uma relação entre a pobreza (que crescia), o afastamento dos ideais germânicos, as relações inter-raciais – e, particularmente, os judeus - como os principais culpados pela sua situação, o que foi motivando-o a alimentar profunda repulsa e ódio pelo “capitalismo judaico” (EVANS, 2016). Este sentimento o motivou, mais tarde, a propagar ideais antissemitas e culpar os judeus pela derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial (PGM).

2.2 O morador de rua que se tornou soldado

Em maio de 1913, Hitler se muda para Munique, na Alemanha, após receber a herança deixada por sua mãe (algo que ele só poderia ter acesso aos 24 anos). Lá, ele se depara com uma cidade muito rica culturalmente, com vários artistas advindos de toda Europa.

Como a herança de Klara não era de grande quantia, inicialmente, ele teve que viver da forma mais simples possível, para que não acontecesse novamente o que viveu em Viena.

Por ter fugido dos serviços militares austríacos, encontrou em Munique o esconderijo necessário para que continuasse sua busca por uma vida artística e discutir suas convicções políticas em bares da cidade – algo que era muito comum para a época. E assim permaneceu, abalado por seus fracassos artísticos e com medo de que o obrigassem a servir a um exército de uma pátria que não considerava como sua.

Então, em 28 de junho de 1914, Franz Ferdinand⁸, herdeiro do trono austro-húngaro e sua esposa foram assassinados por um ativista sérvio. O Império Austro-Húngaro declarou guerra à Servia, exatamente um mês mais tarde, por considerá-la culpada pelo atentado. O acontecimento foi o estopim para que se iniciasse a PGM, embora não tenha sido o motivo principal. Há diversas razões que podemos citar para isso, dentre elas, uma seria a briga da Alemanha com a França e a Inglaterra por territórios coloniais. Junto a isto, a Rússia incentivava a independência de algumas províncias do Império Austro-Húngaro. (NAVARRO, 2011)

Assim, tivemos o conflito: de um lado, ficaram os Aliados: Inglaterra, França, Itália, Estados Unidos, Sérvia e Rússia; do outro, os impérios centrais: Alemanha, Império Austro-Húngaro, Império Turco-Otomano e Bulgária.

⁸ Nome comumente traduzido para português como “Francisco Fernando”.

Figura 1: Hitler no meio da multidão no Odeonplatz na mobilização do Exército alemão durante a 1ª Guerra Mundial, em Munique, 2 de agosto de 1914.



Fonte: Jornal GGN (2014)

Em 2 de agosto de 1914, em frente ao Governo Civil de Munique, a guerra é anunciada oficialmente aos alemães. É possível ver, na fotografia, o grande júbilo na face de Adolf Hitler, o que Evans (2016) nos descreve como sendo a alegria de quem, finalmente, pôde fazer parte de um grupo com o qual se identificava. Um dia depois, em 3 de agosto, “ele dirigiu uma súplica ao rei da Baviera solicitando o favor de ser admitido como voluntário num regimento bávaro, apesar de sua nacionalidade austríaca” (FEST, 2005, p. 67). O pedido foi aprovado e, assim, poderia servir à nação que tanto idolatrava, como possível resultado de um pensamento que se mostrava ufanista.

Considerado fraco demais para o combate, Hitler foi nomeado mensageiro, levando mensagens de um ponto a outro da linha de frente; posição nada invejável, posto que os mensageiros eram frequentemente mortos, pois, não espantosamente, se tornavam alvo do inimigo, por não querer que determinadas ordens chegassem ao destino final, favorecendo o adversário.

Admirado pelos seus superiores, durante a guerra, por causa do fato de seus esforços e devoção ao exército, Hitler acreditava que não havia possibilidade de perderem. Seus companheiros o definiam como um homem com “exorbitante senso de dever e defesa da pátria” (CORES, 2009, p. 32), sendo, perante tudo isso, condecorado com a Cruz de Ferro⁹, a qual podia ser facilmente vista nos uniformes de Hitler anos mais tarde, durante o Terceiro Reich (governo nazista).

Figura 2: Hitler costumava usar a Cruz de Ferro no lado esquerdo do peito.



Fonte: The Craft Wars (2018)

Durante os quatro anos de guerra, Hitler só esteve afastado do fronte de batalha por um total de aproximadamente 3 meses. Durante esse período, pôde ver que sua invicta, invencível Alemanha, não era tão inabalável quanto pensava: com a guerra, dois milhões de alemães havia morrido e a quantidade de feridos era muito superior às baixas - muitos desses homens eram a principal fonte de sustento dos lares, o que piorava a situação das famílias - os valores altos gastos com a batalha causaram um colapso na economia, milhares de pessoas morreram de fome e desnutrição, pois faltava alimento. Este cenário ocasionou diversas greves, paradas

⁹ Medalha militar de difícil obtenção, que simbolizava o total sacrifício e entrega do militar em prol da nação.

trabalhistas, alemães culpando outros alemães pela crescente possibilidade de derrota. Houve, inclusive, suspensão das atividades de uma fábrica de produtos bélicos que fornecia material para o exército. (CORES, 2009)

No final de 1918, Hitler é atingido no fronte por um gás tóxico que faz com que fique temporariamente cego. Ele é levado para o hospital e, lá, depois de um tempo internado, em 10 de novembro de 1918, é anunciado para ele e demais companheiros feridos que a guerra havia acabado. A Alemanha tinha sido derrotada e o *kaiser* abdicou da monarquia. O país agora era uma república.

As notícias não foram bem recebidas por Hitler, que acreditava que aquele acontecimento era inconcebível (KERSHAW, 2010). Logo, procurou por culpados, e não demorou muito para que encontrasse uma resposta no pensamento antissemita que pairava na época:

Na busca de bodes expiatórios, os judeus, em especial, tornaram-se cada vez mais o foco de ódio intenso e agressões (...). Os sentimentos já eram conhecidos. A novidade consistia no grau em que o antissemitismo radical era agora propagado e como estava caindo em terreno fértil. (KERSHAW, 2010, p. 95)

O Exército e a guerra foram, portanto, o marco do firmamento da ideologia de Hitler, quando tomou forma, pois, antes dessa fase, ainda não tinha externalizado ou deixado claro o que havia em seus pensamentos (CORES, 2009; KERSHAW, 2010; FEST, 2005).

Sobretudo foi o Exército que, nas circunstâncias extraordinárias de 1919, transformou Hitler num propagandista – o demagogo mais talentoso de sua época. O que possibilitou a entrada de Hitler na política não foi uma escolha deliberada, mas o aproveitamento máximo das condições em que se encontrava. O oportunismo – ao lado de uma boa dose de sorte – foi mais decisivo do que a força de vontade. (KERSHAW, 2010, p.99).

Estimulado pelos seus oficiais superiores, aos poucos, Hitler fez cursos de instrução política. Durante esses cursos, percebeu que havia talento para falar a grandes públicos (EVANS, 2016) e logo se tornou orador de destaque no Partido dos Trabalhadores Alemães. Esse momento se tornou terra fértil para que ele expusesse seus pensamentos antissemitas, que vinham sendo alimentados e encorajados ao longo dos anos.

2.3 Ascensão de Hitler e do Partido Nazista

Diante do cenário pós-guerra, a Alemanha ficou devastada, o que resultou em anos de grandes tensões:

Uma das grandes consequências da perda da guerra foi o Tratado de Versalhes, em 1919 – ano em que Hitler saiu do exército e entrou para a vida política - , que impunha ao país perda parcial de seus territórios, domínios coloniais, zonas de exploração mineral, além de intenso desarmamento de seu exército, limitação do número de soldados de suas tropas e também a proibição de indústrias bélicas em território alemão.

A Tríplice Entente (França, Reino Unido e Rússia), que estipulou os acordos, também exigiu pagamentos de valores exorbitantes aos países aliados e multas às viúvas, órfãos e outras vítimas, como mutilados (EVANS, 2016; FEST, 2005). Isto contribuiu para fomentar a pobreza e o desemprego populacional, o que, certamente, afetou o país psicologicamente, gerando grandes frustrações, sentimento de impotência e baixa autoestima do povo alemão.

Em 1923, depois de uma tentativa frustrada de golpe político, Hitler foi preso pelas autoridades alemãs, cumprindo pena de apenas alguns meses, apesar de ter sido sentenciado a cinco anos de prisão. Neste tempo, escreveu seu livro *Mein Kampf*, uma autobiografia com seus ideais.

Então, sem ao menos recuperar-se dos infortúnios trazidos pela guerra, a Alemanha enfrentou a Grande Depressão – considerada o pior e mais longo período de recessão econômica da época e, com ela, o desemprego em larga escala. (COGGIOLA, 2015);

Em meio a esse cenário, houve o receio da extrema direita alemã de uma revolução socialista (visto que um número considerável da população aderira aos partidos socialistas) que fez com que partidos extremistas, como o Nazista, ganhassem cada vez mais apoio e adeptos (FEST, 2005). O partido também contou com o apoio da burguesia, de empresários e até mesmo do clero.

É, neste momento que a figura de Hitler como líder toma força:

No início da década de 1930, o partido tinha alcançado uma vitória expressiva que se manifestou na presença predominante de deputados nazistas, ocupando as cadeiras do Poder Legislativo alemão. No ano de 1932, Hitler perdeu as eleições presidenciais para o marechal Hindenburg. No ano seguinte, não suportando as pressões da crise econômica alemã, o presidente convocou Hitler para ocupar a cadeira de chanceler. (SOUSA, s.d.)

Pessoalmente, Paul von Hindenburg era contra Hitler, chegando, inclusive, a negar inúmeras pressões de Hitler para tornar-se Chanceler. Mas, com a deterioração da estabilidade política da República de Weimar e o desmembramento do parlamento por duas vezes em 1932, ele acabou por nomear Adolf Hitler como chanceler em janeiro de 1933.

Enquanto chanceler, Hitler trabalhou para impedir que os oponentes do Partido Nazista se unificassem e tentassem formar um governo de coalizão de maioria contra ele. Porém, a oposição não conseguia se unificar, visto a dificuldade que socialistas e comunistas tinham de entrar num acordo com democratas da esquerda alemã, como descreve Fest:

Difundiu-se rapidamente o sentimento de que os recursos da democracia liberal eram insuficientes para afrontar as condições da crise, explosivas e prementes, daquele período, e que suas possibilidades de governar eram muito limitadas para dirigir as massas já conscientes de sua força. (FEST, 2005, p. 110)

Em um ambiente de intenso impasse político dentro do *Reichstag* (o parlamento), Hitler pediu para o presidente Hindenburg dissolvê-lo e convocar novas eleições para março de 1933. Porém, em 27 de fevereiro daquele ano, antes que acontecessem as eleições, houve um incêndio no prédio do *Reichstag*, deixando-o parcialmente destruído.

Com um homem comunista, Marinus van der Lubbe, acusado do atentado, Hitler pressionou Hindenburg a assinar um decreto que suspendeu vários direitos civis e permitia que o governo fizesse prisões sem precisar de mandados judiciais.

Pouco tempo depois, em 1934, a morte do presidente Paul von Hindenburg, possibilitou a Hitler a tomada do poder, podendo fundir os cargos de chanceler e presidente, intitulando-se, então, *Führer*, chefe da nação, das forças armadas, com o exército jurando-lhe fidelidade.

Com isso, a Alemanha se transformou num estado nacionalista, onde os oponentes ao Nazismo eram excluídos da administração e todo poder judiciário se viu subserviente aos ideais nazistas.

2.4 A Juventude Hitlerista

O site do Memorial do Holocausto, nos Estados Unidos, nos conta que a Juventude Hitlerista (*Hitlerjugend*) foi resultado de movimentos de escotismo e de movimentos juvenis que surgiram e cresceram do final do século XIX para o início do século XX.

Em 1922, a instituição, inicialmente destinada apenas a rapazes, foi criada com o nome de Liga da Juventude do Partido Nazista, passando a se chamar Juventude Hitlerista (JH) em 1926. Quatro anos depois, em 1930, foi criada a Liga das Moças Alemãs (*Bund Deutscher Mädel - BDM*), atendendo ao público feminino. Havia duas ideias para as mulheres dentro da ideologia nazista: uma acreditava que elas deveriam servir como trabalhadoras, mas a outra defendia que deveriam ser boas moças, bonitas, dedicadas ao lar e boas mães de nazistas – esta se sobrepôs, pois era a que Hitler defendia. Talvez este ideal seja um reflexo de suas próprias experiências durante a infância: o lugar “ideal” seria, justamente, onde o homem trabalha/luta e a mulher se põe a fazer tarefas domésticas, como era com Alois e Klara Hitler.

De caráter voluntário nos anos iniciais, a JH era apenas mais um dentre vários outros movimentos juvenis que existiam no país. Porém, diante da situação em que se encontravam no contexto pós-guerra,

O Partido Nazista prometeu aos jovens alemães um grande futuro numa grande Alemanha – caso fizessem parte da Juventude Hitlerista (...) oferecia a seus integrantes agitação, aventura e novos heróis para venerar. Deu a esses jovens esperança, poder e a oportunidade de fazer suas vozes serem ouvidas. Para alguns, deu também a oportunidade de se rebelarem contra os pais, professores, padres e outros superiores. (BARTOLETTI, 2006, p. 13)

As promessas fizeram com que a instituição ganhasse cada vez mais adeptos. Hitler se regozijava com isso, pois via nos jovens uma grande capacidade para moldarem a “Nova Alemanha” de acordo com seus propósitos. Essa visão que ele tinha dos jovens talvez fosse, justamente, um reflexo narcísico – como se visse nos jovens o jovem que outrora ele foi e, como ele se coloca como um ser humano a ser seguido, estes rapazes, consequentemente, teriam que passar pelas mesmas situações pelas quais Hitler passou.

A JH era dividida e organizada entre uma parte de jovens de 14 a 18 anos e outra, num ramo infantil, dos 10 aos 14, chamada de *Deutsches Jungvolk* e seus membros eram chamados de *pimpf*. Com o passar do tempo e a depender do desempenho do jovem na instituição, ele conquistava diversos postos de comando, podendo liderar um regimento.

Segundo Bartoletti (2006), esses rapazes que lá ingressavam eram incentivados a não ter uma personalidade única, mas a pensar e agir como um todo. Ao adentrarem, deveriam esquecer suas individualidades e, através de práticas militares, passavam a agir, pensar e dizer como se fossem uma só pessoa. Além disso, os jovens eram ensinados a obedecer a seus superiores (sendo o maior deles, Hitler), quaisquer que fossem seus comandos, sem questionamentos. Sigmund Freud define o caráter essencial desses grupos como “muito iguais, que podem se identificar uns com os outros, e uma única pessoa superior a todos eles” (FREUD, 1959 *apud* LINDHOLM, 1993, p. 73), junto a isso, temos uma descrição de como os jovens eram tratados neste período:

Doutrinados até o indizível, coagidos, intimidados, despojados de sua infância e adolescência, arrancados de suas casas e escolas, muitas vezes entregues pelos próprios pais ao ogro da suástica, os jovens alemães foram usados pelos nazistas, que os tornaram sujeitos de um experimento social atroz, reservatório de suas ideias abomináveis e, em última instância, bucha de canhão para sua guerra com o mundo. (ANTÓN, 2016)

Sob o comando Baldur von Schirach, membro do partido Nazista, líder da JH e homem de confiança de Hitler, em 1933 cinquenta jovens explodiram o prédio da Associação de Juventude Alemã e invadiram escritórios que continham documentos de milhares de jovens que se opunham ao partido. Apavorados, muitos grupos se desfizeram – principalmente de comunistas e judeus – e boa parte dos jovens entraram para a JH, pois tornou-se perigoso não ser um integrante.

Houve resistência de grupos religiosos, como da Igreja Católica e as Testemunhas de Jeová, e muitos padres foram presos, executados ou mandados para campos de concentração. Inclusive, a JH substituiu todas as atividades que antes eram praticadas por estes e outros grupos: “Nazi youth activities intentionally replaced

activities previously sponsored by religious institutions in an effort to challenge the churches claims to moral authority.”¹⁰ (HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA, 2018)

Depois do atentado ao *Reichstag* e ao se tornar líder absoluto do país, Hitler desejava que a população fosse completamente adepta ao Nazismo e não tardou para que proibisse todos outros grupos juvenis que ainda existiam pela Alemanha, em 1934. Àquela altura, a quantidade de membros da JH já era superior a um milhão, de acordo com o *site* do Memorial do Holocausto nos Estados Unidos.

Figura 3: Meninos da JH saúdam Hitler



Fonte: El País (2016)

Para evitar ataques, as famílias alemãs foram desfazendo seus laços de amizade com aqueles que não se encaixavam no regime: judeus, ciganos, testemunhas de Jeová, mórmons, oponentes políticos (principalmente os comunistas, socialistas, socialdemocratas e os líderes sindicais), deficientes, homossexuais, pessoas com feições asiáticas e poloneses cristãos.¹¹

Sob o regime nazista, os jovens e suas famílias não podiam levar uma vida normal, já que tinham perdido as liberdades fundamentais. Todos jornais, estações de rádio, filmes, sermões em igrejas e aulas nas escolas eram

¹⁰ Todas as traduções aqui presentes são de nossa responsabilidade e se encontram na seção “Apêndice”, ao final deste trabalho.

¹¹ Dados coletados em visita ao Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto em São Paulo, na manhã de 11 de Abril de 2018.

censurados. Os nazistas censuravam também as conversas: quem ousasse criticar Hitler ou o Partido era preso ou executado. As telefonistas ajudavam a Gestapo ouvindo as conversas de pessoas vigiadas. Nem cartas pessoais eram respeitadas. (BARTOLETTI, 2006, p. 46-47)

Como consequência, rapidamente a JH se tornou a maior e mais forte instituição para jovens e, por volta do ano de 1935, havia aproximadamente quatro milhões de integrantes, porém, o desejo de Hitler era que a instituição crescesse mais.

Figura 4: Membros da JH formam a suástica em homenagem a Hitler.



Fonte: Holocaust Encyclopedia (2018)

Em 1936, uma lei imposta pelo então *Führer* obrigava todos os meninos a partir dos 10 anos de idade a se tornarem membros da JH e, mais tarde, em 1939, outros dois decretos tornaram a adesão à instituição compulsória e a não adesão uma ofensa cabível de punição. Os pais que se negavam a entregar seus filhos, eram vistos como traidores e as crianças lhes eram tiradas à força, tinham seus bens confiscados e muitos chegaram a ser enviados a campos de concentração:

(...) all other youth organizations were forbidden. The Hitler Youth and its auxiliaries became the only legal youth movement in Nazi Germany. In 1936, the Law concerning the Hitler Youth made membership compulsory for all children over ten years old. (HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA, 2018)

Durante a Guerra, a JH participou ativamente no conflito. Os meninos que ainda não estavam na faixa etária para irem à batalha, fiscalizavam casas, famílias, ruas e bairros, arrecadavam fundos para os gastos com a guerra, coletavam materiais recicláveis que poderiam ser úteis, como objetos de metal, lâminas e garrafas de vidro. As moças eram enviadas para os territórios tomados. Lá, elas tinham a tarefa de preparar as casas tomadas para as famílias alemãs se alojarem. Na Polônia, por exemplo, as meninas da BDM eram responsáveis por colocar os pertences dos poloneses numa carroça, enviá-los para o que acreditavam ser fazendas no sul do país e, em seguida, preparar a residência para que as novas famílias não tivessem grandes preocupações.

Todos os rapazes que eram membros da JH a partir dos 17 anos foram enviados para o campo de batalha ou selecionados para agirem na Alemanha e nos campos de concentração, como os membros da Gestapo¹² e do Esquadrão de Guarda SS¹³. Havia sido preparados para isto em todos os seus anos no movimento – os treinamentos envolviam semanas de acampamento, estratégias de sobrevivência, práticas de escalada, leitura de mapas, manuseamento de armas e práticas de diversos esportes. Além disso, dentro da instituição havia grupos especializados coordenados pelo Exército, Marinha e Aeronáutica. Estes grupos ensinavam aos rapazes normas práticas de mecânica, telegrafia em código Morse, os primeiros passos para se tornarem pilotos da Força Aérea (chegavam a construir planadores), uso de armas antiaéreas, ensinavam como navegar em rios, mares e lagos e também primeiros socorros, medicina de campo e afins.

Depois da guerra, com a Alemanha tomada pelos soviéticos, as instituições nazistas foram banidas e, dentre elas, a JH e a BDM. Baldur von Schirach foi julgado por crimes de guerra em Nuremberg e, embora tenha sido absolvido dos crimes cometidos pela Juventude Hitlerista, foi condenado a vinte anos de prisão por crimes contra a humanidade.

A maioria dos membros da JH e BDM retomou a vida normal na Alemanha pós-guerra e a maioria dos (antigos) membros destas instituições foram isentos ou não

¹² Gestapo é a abreviação em alemão de *Geheime Staatspolizei*, significando "polícia secreta do Estado", que era administrada pela SS.

¹³ A *Schutzstaffel*, abreviada como SS ou 4 4 foi uma organização paramilitar ligada ao partido nazista e a Adolf Hitler.

obrigados a fazerem parte dos programas de desnazificação e reeducação da população. Então, as crianças e jovens que passaram toda sua vida sob controle, doutrinação e educação nazistas não tiveram chances de uma possibilidade de mudança.

3 PERCURSOS TEÓRICOS

Não é de hoje que se sabe que a Análise de Discurso de linha francesa (AD) se põe contrária à visão simplista de que a linguagem seria meramente um conjunto de regras praticamente inócuas, um simples código (ou instrumento) “neutro” de comunicação, cujas mensagens poderiam ser decodificadas e entendidas sem muitas dificuldades por um semelhante.

No entanto, apesar de as línguas serem de fato compostas por diferentes regras e caracteres específicos a serem decodificados, o ato comunicativo não se limita tão simplesmente a isso; o discurso não é um ato individual e cada sujeito tem caráter heterogêneo: seus discursos são resultados de diversos outros anteriores, estando atrelados a relações sociais, históricas, sócio-ideológicas, psíquicas e culturais. Ele não surge do nada, “mas de um trabalho sobre outros discursos” (FLORENCIO et al, 2009, p. 26). Para iniciar esta discussão, apontamos Gregolin (1995), afirmando que:

O DISCURSO é um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?).

Antes de prosseguir com nossa discussão principal, é necessário esclarecer a noção de discurso que defendemos. O conceito de Discurso que adotamos aqui é o mesmo defendido por Fernanda Mussalim (2011, p.110): “Calcada no materialismo histórico, a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social”.

Vale ressaltar que, para que haja essa materialização ideológica através do discurso, é preciso haver uma formação discursiva em que tal ideologia se manifeste. Em outras palavras, as formações discursivas determinam o discurso uma vez que ele (o discurso) é o resultado / é um reflexo de uma posição de classe (e de ideologias de classe) à qual alguém pertence, sendo gerado por causa de determinadas condições de produção.

Já no que tange às condições de produção do discurso, de acordo com Flôres (2006, p. 149), temos: “Em sentido estrito, as condições de produção correspondem às circunstâncias da enunciação: o contexto imediato. Em sentido amplo, as condições de produção abrangem o contexto sócio-histórico ideológico”. Passando o explanado por Flôres para nossa pesquisa, temos que, num sentido mais estrito, elas

nos mostram o contexto imediato em que o discurso está acontecendo (ou, neste caso em específico, sendo pronunciado): Hitler está diante de uma plateia formada por, em sua maioria, rapazes de um movimento liderado por ele e por outras autoridades políticas que aparentemente o apoiavam. E, num sentido mais amplo, o sentido socio-histórico e ideológico: o percurso de Hitler até chegar ali, a Grande Depressão, a sociedade alemã pós Primeira Guerra, a doutrinação dos jovens da JH, etc. Todos esses elementos, além de alguns outros ainda a serem apresentados e discutidos mais adiante nesta pesquisa, influenciavam diretamente tanto na forma como o sujeito significava nessa situação dada, quanto na compreensão e construção do sentido que seus ouvintes teriam (ORLANDI, 2009), principalmente ao se considerar que cada contexto enunciativo é único.

Retomando agora a noção de discurso, para finalizar toda esta questão, seguimos inteiramente a mesma linha de pensamento de Cardoso (1999), entendendo que esse elemento seria:

(...) fruto do reconhecimento de que a linguagem tem uma dualidade constitutiva e que a compreensão do fenômeno da linguagem não deve ser buscada apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas num nível situado fora do polo da dicotomia língua / fala. Em outras palavras, ao mesmo tempo que a linguagem é uma entidade formal, constituindo um sistema, é também atravessada por entradas subjetivas e sociais. O discurso é, pois, um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos interagindo em situações concretas. (CARDOSO, 1999, p.21)

É isto, então, que nos põe diante da situação em que o discurso é proferido: ao analisarmos, não podemos desvencilhá-lo de sua formação ideológica, de suas condições de produção. Dizendo de outro modo, visto que a ideologia, de acordo com uma de suas várias acepções, pode ser compreendida como um conjunto de convicções sociais, políticas, filosóficas, etc. de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos (FIORIN, 2005) é também no discurso, portanto, que ela se materializa:

O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (Pêcheux, 1990 *apud* GREGOLIN, 1995).

Faz-se necessário, então, analisarmos o acontecimento discursivo para que compreendamos como e porque certas práticas discursivas se dão. Para isto, fazemos

uso da memória discursiva, que lidará com as mudanças que ocorrem num discurso e suas ressignificações. A esta memória discursiva damos, também, o nome de interdiscurso, que é o já-dito, todos os dizeres que vieram antes do nosso e que fazem parte do que somos e do que expressamos (ORLANDI, 2009; PÊCHEUX, 1999).

Por isso, como já brevemente mencionado na introdução, é imperativo que façamos um percurso histórico sobre o discursista em foco nesta pesquisa a fim de que possamos localizar e procurar entender, explicar, analisar, evidenciar e apontar diferentes práticas discursivas específicas sobre as quais este trabalho se debruça, bem como a quem elas se dirigem, de acordo com o que sua história específica nos conta, considerando, para isso, o momento histórico e sociopolítico em que ele está inserido.

Tendo todo o explanado em mente, Orlandi (2009) nos explica que o sujeito é afetado por dois tipos de Esquecimento:

- 1) Esquecimento Ideológico ou Esquecimento I: o sujeito se põe como a origem de tudo que diz, como único criador de seu discurso. Inconscientemente, esquece-se do que está em sua formação discursiva.
- 2) Esquecimento II ou esquecimento enunciativo: de caráter pré-consciente (ou semiconsciente), o sujeito, ao moldar seu discurso, exclui diversos outros para que um novo tome forma. Há a ilusão de que tudo o que é dito teria apenas um significado e que todos os que o ouvem/leem compreenderiam da mesma forma.

Porém, apesar de não ter total controle sobre as (nem completa ciência das) diferentes possibilidades de significados que seu discurso poderia trazer a seus interlocutores, Hitler se certificava de que seu discurso estivesse, de fato, convincente. Para isto, utilizava-se de algo que o atraía desde sempre: a arte.

Nesse contexto, a arte surge como um reforço à retórica de Hitler.

É importante salientarmos, neste momento, que há diferenças entre retórica e oratória. A oratória, considerada por muitos como arte, mas por outros como ciência, é conceituada como a capacidade que um determinado indivíduo tem de falar em público (BELLO, 2018). A retórica, por sua vez, complementa a oratória - está ligada ao poder de persuasão:

Para a Oratória é importante o conhecimento da técnica. O orador vai demonstrar conhecimento do assunto, ordenação das ideias, começo, meio e fim na exposição, uso adequado da voz, das palavras e do gesto, empatia, olhar voltado ao público e capacidade de manter a atenção do mesmo. Para a retórica, vai necessitar fundamentalmente o recurso das ideias e da capacidade de persuadir pelas palavras. E um bom orador, poderá ser também um bom retórico. (MIRANDA, 2018)

Como em uma atuação, Hitler muito dificilmente lia seus discursos: ele os estudava, memorizava e ensaiava, como se cada um fosse uma apresentação diferente. Braun (2017), por exemplo, transcreve as palavras de Hermann Pölking, escritor alemão, sobre Hitler, ao dizer que ele: "[...] foi um grande mentiroso, um ator muito talentoso, que mentia sem nenhuma inibição; uma pessoa com uma capacidade para a autossugestão, de onde tira a sua força de vontade – a mistura mais perigosa que existe."

Figura 5: Hitler ensaiava e estudava antes de proferir seus discursos



Fonte: G1, Portal de Notícias da Globo (2013)

No entanto, essa “mistura mais perigosa que existe” não se resumia apenas ao militarismo combinado à arte da oratória e à arte da retórica (grosso modo, à arte “discursiva”, de uma maneira geral, popularmente falando), mas havia ainda um

terceiro elemento que constituía a mente e, conseqüentemente, moldava o comportamento de Hitler, sobre o qual ainda falaremos mais adiante.

Levando-se em conta que a AD também está ligada à Filosofia, além dos conceitos de oratória e retórica (os quais são estudados desde a Grécia antiga), é interessante atentarmos para o Sofismo. Este consiste em convencer alguém de algo que “não é necessariamente verdade” (BELLO, 2017). Ou seja, um raciocínio lógico é utilizado para persuadir as pessoas sobre um determinado assunto que pode não ser totalmente verídico, ou são verdades distorcidas. Freud (2016). ao falar sobre a psicologia das massas, nos diz:

(...) As massas nunca conheceram a sede da verdade. Elas exigem ilusões, às quais não podem renunciar. Nelas, o irreal sempre tem precedência sobre o real; aquele as influencia com quase tanta força quanto este. Elas têm uma tendência evidente a não fazer qualquer distinção de ambos. (FREUD, 2016, p. 54)

Temos, então, as formações imaginárias: por meio das antecipações, o sujeito consegue “se colocar” no lugar do outro, para tentar evitar equívocos em seu discurso, de modo que seus interlocutores compreendam tal qual o modo que ele deseja expressar-se (ORLANDI, 2009). É, justamente neste ponto, que o sujeito “treina” suas argumentações: ao pensar no que seu interlocutor contra argumentaria, ele muda, refaz, adapta, molda seu dizer. Talvez por isso fosse tão importante para Hitler que seus discursos fossem ensaiados e treinados - incluindo sua postura corporal. Se nos atentarmos para seus vídeos discursando ao vivo, percebemos que ele fazia pausas, aumentava ou diminuía o tom de voz, movia os braços, etc. como um conjunto de elementos que tornava seu dizer persuasivo, autoritário e confiante. (WEIL; TOMPAKOW, 1986)

Junto a essas formações imaginárias temos outro elemento analítico importante: as relações de força. Como explica Florencio et. al. (2009), toda sociedade que possui classes terá relações de exploração e dominação que se manifestarão de maneira especial no discurso.

A sociedade é, portanto, constituída de diversas camadas hierárquicas, que tanto podem nos colocar numa posição “superior” quanto “inferior” – em determinadas situações, nossos discursos podem significar mais (ter mais “poder”, por assim dizer)

do que em outras (ORLANDI, 2009; FLORENCIO, et. al, 2009). É como um professor quando em sala de aula ou um padre quando em momentos de condução religiosa dentro da igreja, por exemplo; ou seja, quando os indivíduos estão em pleno exercício de suas respectivas atividades específicas, isto é, em plena atuação particular dada de acordo com aquilo que se espera ser desempenhado em dado momento específico.

Se atentarmos, então, para as condições de produção que fazem o discurso que estamos analisando, vemos as relações de força que favoreciam Hitler: ele era o *Führer*, o que significava dizer que, hierarquicamente, no país, não havia ninguém politicamente superior a ele. Além disso, falava para uma plateia que era treinada sob os ideais nazistas, não apenas por parte da JH, mas também de seus assessores e demais líderes que estavam ao seu lado no Partido. Para Coracini (2007) trata-se da formação da identidade a partir de alguém a quem se atribui poder.

Consequentemente, torna-se menos fastidioso convencer alguém que já tem a formação ideológica parecida com a sua (FLORENCIO et. al, 2009). É dessa forma, então, que as palavras de Hitler parecem fazer sentido para aqueles que o seguem. Eles estão inscritos em formações discursivas que são determinadas ideologicamente de modo similar.

Nesse contexto, percebemos a influência que o militarismo exerceu na vida e no discurso de Hitler. Para além das relações sociais, as forças armadas têm, em sua essência, as posições hierárquicas muito bem definidas. Hitler, portanto, seria o “general”, o maior líder do exército que ele mesmo estava formando. Como num grande exército, os jovens eram motivados a pensar e agir como um só, em prol de um único objetivo. Nas palavras de Freud (2016), o que a massa “exige de seus heróis é força, inclusive violência. Ela quer ser dominada, oprimida e temer seus senhores.”

Esse ideal de unidade também é recorrente em discursos religiosos, notadamente, por exemplo, no Cristianismo. A bíblia, em diversos versículos, nos fala sobre a força e a necessidade de “sermos um”, como está expresso na Primeira Epístola aos Coríntios: “Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também.” (1 Coríntios 12:12). Tais dizeres são incorporados ao novo discurso com métodos parafrásicos.

Numa sociedade de maioria Cristã - tanto católica quanto protestante – como era a Alemanha na década de 1930, este se torna outro ponto-chave importante para análise, sendo o terceiro elemento psicologicamente constitutivo de Hitler. Num lugar onde o antissemitismo crescia, o uso de estratégias discursivas advindas da Idade Média¹⁴ que culpabilizavam os judeus como sendo o povo que “matou Jesus”, “endemoniados” ou um povo “sem nação” (SZKLARZ, 2018) ganharam força.

Além disso, há, em meio a tudo isso, a figura do Messias¹⁵, o Salvador. Tendo em vista a conjuntura em que o país se encontrava, a figura de uma pessoa que viria tirar o país daquela realidade foi se consolidando cada vez mais:

Para além disso, a História nos conta sobre a queima de livros durante o período em que o Nazismo esteve no poder e uma “substituição” do livro sagrado: as bíblias, que foram queimadas também, ou simplesmente substituídas pelo *Mein Kampf*. Consequentemente, isto mexe com as construções imaginárias da população:

Queimar a Bíblia mexia com emoções e imaginações (...). Ao perseguir e exterminar os judeus, os alemães travavam uma guerra contra um inimigo imaginário que não tinha intenções beligerantes contra a Alemanha nem possuía Exército, Estado ou governo. As motivações para esta guerra não eram práticas, pois alemães e judeus não tinham conflito acerca de território, terra, recursos, fronteiras ou poder político (...). Na mente dos nazistas, era uma guerra acerca de identidade. (CONFINO, 2016, p. 18)

Tendo em mente, então, todo o decorrido até o presente, fica notório como a AD também se vincula à Psicanálise¹⁶, o que nos permite discutir tais elementos-chave que são constituintes do sujeito em questão.

De fato, como já decorrido anteriormente, a AD engloba não somente a óbvia relação com a Linguística, mas também com História, com o Materialismo histórico, Marxismo, com a Filosofia, com a Sociologia e com a Psicanálise, mas, apesar de ser herdeira desses campos da ciência, ela não se atém nem se limita a nenhum deles especificamente, transpassando-os (ORLANDI, 2005). Concordando com tal visão,

¹⁴ Dados coletados em visita ao National War Museum em Valeta, Malta, em 12 de março de 2018, à tarde.

¹⁵ Messianismo pode referir-se (...) a movimentos sociais que, embora à primeira vista sejam muito diferentes entre si, apresentam, de alguma forma, um quadro que alude à crença messiânica. A designação abarca, com efeito, todo e qualquer movimento social em que uma dada coletividade, capitaneada por um líder carismático, manifesta sua recusa diante de intoleráveis condições de existência, bem como a esperança de uma intervenção sobrenatural (BRITO; LARA, 2017, p. 64)

¹⁶ Levamos em consideração que a Psicanálise, enquanto linha teórica, “caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica” (BOCK, 2002).

Flôres (2006, p.127) destaca: “A análise do discurso, como se pode ver, destruiu fronteiras entre os campos do saber da psicanálise, da linguística e do marxismo.”

Na Psicanálise, de forma geral, existem dois conceitos fundamentais: o do inconsciente (brevemente tratado acima) e o da pulsão, que ao tratarem do sujeito, caracterizam sua singularidade. Lacan (2008), tratando do inconsciente, faz uma “releitura” de Freud, explica e desenvolve algumas de suas teorias, propõe várias outras próprias e argumenta que essa dimensão (inconsciente) seria composta por uma tríade cuja formação e desenvolvimento estaria associada à relação do sujeito com o grande Outro primariamente do pequeno outro¹⁷, sendo formado em relações especulares, em outras palavras, em relação ao Estágio do Espelho. Nas palavras de Garcia-Roza (1985, p.184):

[...] a originalidade de Lacan não está em afirmar o condicionamento simbólico do homem, mas a maneira como, a partir de contribuições retiradas da linguística e da antropologia estruturais, ele vai “reler” Freud e assinalar os vários níveis de estruturação do simbólico, assim como a formação do inconsciente pela linguagem.

Quanto à tríade de registros/dimensões, tem-se que ela corresponde ao que se apresenta logo abaixo:

- 1) Real: este, aqui, não está necessariamente ligado à realidade. O real, neste sentido, é aquilo que não pode ser simbolizado. Ele escapa à nossa vontade, ao nosso desejo. Ele existe por si só.
- 2) Imaginário: sendo o que introduziria os indivíduos nos domínios da subjetividade (GARCIA-ROZA, 1985), ele corresponde ao ego (eu) do indivíduo, que busca no Outro (de outros lugares) a sensação de unidade, de estar completo, algo inalcançável e, portanto, de busca perpétua.
- 3) Simbólico: é o lugar fundamental da linguagem, dos sons, por meio dela se possibilita a relação do sujeito com o grande Outro. Esta dimensão se relaciona com a maneira como o inconsciente se manifesta através da linguagem.

Trazendo tudo isso para o que propomos, notamos tais questões, por exemplo, no comportamento de Hitler quando em Viena: o real era, por exemplo, a necessidade de comer, dada a fome pela qual passou; ou o fato de que os dias poderiam ser

¹⁷ Entendemos o grande Outro como sendo da dimensão inconsciente, de ordem simbólica e intrapessoal, diferente do pequeno outro, que estaria relacionado ao semelhante, seria o outro sujeito.

chuvosos, algo que independia de sua vontade, quando morava na rua. Seu desejo, expresso através do simbólico, era o de entrar na Academia de BelasArtes, dada a “imagem(nária)” de si mesmo de que fosse realmente capaz de ingressar. No entanto, esse desejo foi castrado¹⁸ porque foi considerado um artista ruim, que não tinha futuro na área desejada, mas em outra, como a arquitetura. Essa castração gerou uma frustração, pois a sociedade impõe algo, mas que o imaginário crê que é possível – no caso de Hitler, seu imaginário o fez acreditar que ele tinha capacidade de entrar para a Academia, possivelmente, talvez, devido à sua autoimagem e a seus conflitos egóicos em períodos de constituição individual familiar, aparentemente sempre obstinado a (e obcecado em) provar seu valor, ser reconhecido e aceito. Lacan (2008, p.90) nos diz que: “O destino psicológico da criança depende antes de mais nada da relação que as imagens parentais mostram ter entre si.”

Continuando, Lacan ainda afirma que: “O sujeito que nos interessa é aquele que é feito pelo discurso, não aquele que faz o discurso, é aquele que é feito pelo discurso tal qual um rato é preso numa ratoeira, é o sujeito da enunciação” (LACAN (1967), 2005 *apud* FUKUE, 2009). Além disso, atualmente a Psicanálise nos permite compreender fenômenos sociais que são relevantes, que é onde e quando se insere este trabalho.

Por meio das práticas discursivas do sujeito, pode-se perceber não somente sua ideologia, mas como seu inconsciente se revela através do discurso e como as três dimensões acima eclodem no sujeito, apesar da dimensão/do registro do real independer das demais dimensões/registros e dos sujeitos.

Dentre os inúmeros pontos tratados pela Psicanálise, destacamos as questões relacionadas ao inconsciente e ao desejo, convocando o sujeito desejante, o Outro e sua relação com a linguagem:

A Psicanálise sublinha os tropeços da língua. São nesses intervalos, aberturas e brechas que se pode observar o advento do inconsciente. É nesse sentido que Mariani (2007) refere que o ato falho é um discurso bem-sucedido. É por essa via que se descortina algo do sujeito. Lacan preconiza que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e enfatiza a primazia do significante. Em qualquer ponto do encadeamento significativo podem ocorrer equívocos, falhas, deslizos, ambiguidades e deslizamentos, produzindo derivas do sentido, tanto para quem fala/escreve quanto quem escuta/lê. (JORDÃO; PETRI, 2018)

¹⁸ A castração, nesse sentido, não tem a ver com a mutilação genital, mas com a ideia de que somos “cerceados” ao longo da vida. Ou seja, somos impedidos de fazermos aquilo que realmente desejamos porque a sociedade, em algum momento, irá nos pausar. (NASIO, 1997)

Como dito anteriormente, tanto para a AD quanto para os estudos lacanianos, o sujeito não é cartesiano, não é autônomo. Para Lacan (2008, p.54), o sujeito é uma ocultação do inconsciente. Um dos exemplos que atestam tal ideia é quando o autor afirma: “Qual será essa parte, no sujeito, que fala? A análise diz – é o inconsciente [...] esse inconsciente é algo que fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não o sabe, e diz sobre isso mais do que crê.”

O sujeito sempre vê um (pequeno) outro como o ideal (inconsciente) do “eu”. Como afirma Quinet (2012, p.12 e p.16), “O outro é o gêmeo do eu.”, afirmando ainda: “Assim, o outro, como semelhante, é o objeto do amor narcísico: eu me amo no outro (que é o meu reflexo)”. Justamente por isso, tem-se, por vezes, conflitos entre indivíduos, uma vez que eles, quando em comparação a outros, se veem sem tanto valor, se considerariam (conscientemente ou não) inferiores, entrando em “competições” (vazias) por mero prestígio, dada à inveja sentida perante o outro, seu eu-ideal. É, então, através do discurso que se pode perceber o inconsciente dos sujeitos em vazão.

Por isso, é interessante notarmos as parapraxias num discurso, que são, justamente, resultados de algum conflito psíquico (FREUD, 2002). Por meio delas, se torna possível que percebamos os “deslizes” do discurso, por mais que tenha sido escrito, ensaiado e treinado: “o termo sujeito do inconsciente não designa a pessoa que se engana ao falar, nem tampouco seu eu consciente ou inconsciente, mas nomeia uma instância altamente abstrata e, finalmente não subjetiva” (NASIO, 1997 *apud* FUCKUE, 2009) São nesses “deslizes”, ou melhor, atos falhos que o inconsciente se revela, e nos mostra o sujeito/discursista, não da forma como ele deseja, mas como ele se “esconde”, sem dar-se conta – a AD, atrelada à psicanálise, nos permite perceber, através das escolhas (às vezes, consciente, outras, não) de determinadas práticas discursivas, certos distúrbios de ordem variada, como megalomania, narcisismo, psicopatia, etc.

A Psicanálise Lacaniana (que, necessariamente tomará Freud como base), dando ênfase ao sujeito e ao Outro, entra complementando as análises de AD, dando um suporte analítico psicológico do indivíduo, o qual gera e faz gerar discursos específicos, uma vez que esse indivíduo, dotado de consciência e de inconsciência, se encontra inserido em determinados contextos históricos, culturais, ideológicos, sociopolíticos, etc. os quais, por sua vez, o afetam psicologicamente. Ou seja, uma cadeia parece não poder existir sem a outra, isoladamente.

Tendo todo o aqui exposto em mente, analisaremos o *corpus*, salientando como estas áreas – arte, militarismo e religião - aparentemente contrastantes, pareciam constituir a psique de Hitler e como toda esta discussão pode ser evidenciada, algumas vezes de modo sutil e outras mais explicitamente, no objeto de análise.

4 “MY GERMAN YOUTH...”

Neste capítulo, como já explanado anteriormente, apresentaremos o *corpus*, seu contexto imediato – que se dá nas condições de produção já explanadas- e, mais adiante, faremos a análise com base em Análise de Discurso francesa psicanalítica.

4.1 *Corpus* e contexto imediato

Em outubro de 1932, em Berlim, antes de tornar-se *Führer*, Hitler discursava para uma multidão de jovens de seu movimento (BARTOLETTI, 2006). Quase dois anos mais tarde, em setembro de 1934, ele se reúne com sua juventude novamente, proferindo as seguintes palavras, na íntegra:

My German youth,

After a year, I can greet you here again. You are here today in this place a cross section of what is around us in the whole of Germany and we know that you German boys and girls are taking on everything we hope for from Germany.

We want to be one people and you, my youth, are to be this people.

We want to see no more class division. You must not let this grow up amongst you. We want to see one Reich one day and you must train for it. We want our people to be obedient and you must practise obedience.

We want our people to love peace, but also to be brave and you must be peace loving.

And so you must be peace loving and courageous at the same time.

We want our people to remain strong. It will be hard, and you must steel yourselves for it in your youth.

You must learn to suffer privation without crumbling once.

Whatever we create today, whatever we do, we will die, but Germany will live on in you. And when there is nothing left of us, then you must hold in your fists the flags that we hoisted out of nothing.

I know this cannot be otherwise because you are the flesh of our flesh and the blood of our blood. In your young heads burns the same spirit that rules us. You cannot be other than united with us.

And when the great columns of our movement march triumphantly through Germany today, I know you will join the columns.

And we know... Before us, Germany lies, in us Germany burns and behind us Germany follows.

Pelo que se percebe, Hitler inicia seu discurso saudando a juventude, mas lembrando que esteve com eles um ano antes, em 1933. Isto nos leva a crer que estes comícios tinham uma frequência anual, ao menos. Este período – setembro / outubro – também corresponde à estação do verão, que se torna mais propícia para discursos ao ar livre, diferente do inverno alemão, que pode ser bastante rigoroso.

Como brevemente explicado nos capítulos anteriores, a plateia a quem Hitler se referia nesse discurso era a JH, um movimento juvenil liderado, sobretudo, por ele, cujos integrantes eram, em sua maioria, nazistas, pois recebiam treinamento e eram doutrinados para tal:

Adolf Hitler admirava a energia natural e a capacidade de envolvimento dos jovens. Entendeu que eles poderiam ser uma poderosa força política que ajudaria a moldar o futuro da Alemanha. Em sua luta pelo poder, Hitler aproveitou o entusiasmo e a lealdade deles. (BARTOLETTI, 2006, p.13)

A esta época, a JH ainda não era de adesão compulsória, mas voluntária. Bartoletti (2006) nos conta que milhares de jovens de todas as partes da Alemanha costumavam ir a esses comícios. Isto, portanto, nos reforça a premissa de que quase todos ali eram, de fato, adeptos ao Partido, pois lá estavam de livre e espontânea vontade:

Além dos jovens, estavam presentes demais líderes e aparentes apoiadores do Nazismo que se punham logo atrás de Hitler, compondo sua escolta.

Com isto, temos o contexto imediato em que o discurso se insere. Ou seja, o local, a época, quem fala, como fala, para quem fala e porque. Como o contexto mais

amplo compreende questões sociais, políticas e históricas, não precisamos nos ater a ele, pois fizemos este percurso no capítulo um.

4.2 Análise por excertos

Para que fique de maneira mais didática, faremos a análise destrinchando o discurso, para nos atentarmos para cada parte de maneira singular e, depois, faremos um apanhado final e de uma forma geral.

Começamos com as saudações:

“My German youth,

After a year, I can greet you here again. You are here today in this place a cross section of what is around us in the whole of Germany and we know that you German boys and girls are taking on everything we hope for from Germany.”

Hilter inicia cumprimentando “seus” jovens de uma forma que, a primeira vista, pode parecer até carinhosa, mas a primeira palavra, “my” que significa “meu/minha”, um pronome possessivo, já nos deixa a ideia de que aqueles jovens que lá estavam poderiam ser tidos como sua propriedade.

No entanto, ao se ler e estudar com atenção biografias de Hitler (incluindo, é claro, a por ele mesmo escrita), bem como documentos diversos sobre ele, sobre sua história e tudo que o circundava, nota-se que Hitler prezava por demais sua juventude e o vigor natural que se espera que se advenha dessa idade. Com isso, talvez esse início de discurso possa, quem sabe, fazer alguma menção, ao menos superficial e inconsciente à própria juventude, “My German youth” (“Minha juventude alemã”), apesar de sua nacionalidade austríaca, mas dada a aparente obsessão por vezes mostrada em **ser** Alemanha. Um só com ela. Juntar-se; unir-se; tornar-se.

Um terceiro ponto a que esse mesmo discurso pode fazer referência seria no que tange à imagem paterna (neste caso ilusória, claro), bem como à função paterna (psicanaliticamente falando). Não é incomum de os mais velhos (não somente no Brasil) se reportarem a alguns indivíduos mais jovens como “My young man...”; “Son...”; “Listen, child...”, etc. (“Meu jovem (rapaz)...”; “Filho...”; “Escute, criança/mocinho...”) encabeçando alguma mensagem principal, o que não quer

necessariamente dizer que esses locutores exerçam tal função paterna literal em si, mas o que entra em jogo seria a questão imagética, ou seja, do registro Imaginário, o qual também abarca o cultural, que, por sua vez, também exerce, obviamente, influência na vida psíquica dos sujeitos; isso parece fazer, então, com que os mais novos, que ouvem tal expressão vocativa, deversem sentir que deversem mostrar respeito e, conseqüentemente, “dar ouvidos”, isto é, seguir os conselhos, e/ou reprimendas, e/ou ameaças dados/as por aqueles locutores (mais experientes) devido a um suposto carinho, amor, a uma suposta autoridade (hierárquica), ao medo, etc. e, claro, como já dito, por causa também da experiência daquele que fala (com autoridade). E como Hitler, como já argumentado anteriormente, sabia como adaptar seus discursos de acordo com as respostas não-verbais dos seus interlocutores, muito provavelmente, as escolhas discursivas vistas aqui em questão não parecem ter se dado “ao acaso”. Como afirma Jacques Lacan (2008, p. 7 e 8),

Comportamentos adaptativos de variedade infinita são assim permitidos. Sua conservação e seu progresso, por dependerem de sua comunicação, são antes de tudo, obra coletiva e constituem a cultura. Esta introduz uma nova dimensão na realidade social e na vida psíquica.

Desse modo, com essa questão do Imaginário em jogo e todo o argumentado sobre até o momento, parece que a ideia de Transferência (psicanalítica) poderia ser reconhecida aqui neste momento específico de discussão. Russell Grigg (2008, p.59), citando Freud, explica esse ponto:

Although Freud suggests that transference love differs from real love by its intensity, he is more impressed by their similarities – both transference love and real love are repetitions of behavior stereotyped by conditions registered within the subject, ready to emerge under favorable external circumstances.

Dando prosseguimento à nossa discussão, como uma aparente fala saudosa, ele explica que, depois de um ano, pôde estar com eles novamente.

Sem se prolongar, ele diz que os jovens estão lá de forma transversal a tudo o que estava acontecendo na Alemanha. Se pensarmos na situação histórica, política e social em que se encontrava a nação em 1934, nos recordamos que o momento era, de fato, difícil – altas taxas de desemprego e pobreza generalizada - mas os jovens estavam ali, independentemente do que estivesse acontecendo. Visto que muitos deles vinham de longe, estar ali já significava um sacrifício para estar com seus

companheiros e seu líder. Uma das ideias que se pode ter frente a isso seria a de que era como se eles estivessem em uma situação à parte da sociedade e ainda fossem privilegiados por isso.

Como complemento, ele afirma que os jovens estão dando tudo o que eles – os líderes – esperam (apesar de, na verdade, parecer que esse seria um desejo intrínseco dele, de Hitler). E o que esperam destes jovens? Talvez a resposta seja, justamente, o sacrifício, inclusive o de se fazer presente fisicamente e apoiar seu líder, não importa o que estivesse acontecendo, ou por quais dificuldades estivessem passando. Seria essa, mais uma vez, uma alusão inconsciente ao próprio passado? Possivelmente, uma vez que, em muito do que Hitler fala, vê-se sua própria pessoa ou história pessoal aparecer, indicando-se como “centro do universo”, egocentrismo narcísico.

[...] o chamado egoísmo, do sujeito centrado mais no próprio eu, é uma característica narcísica. Já pelo próprio discurso de alguém, no cotidiano da vida, é possível aquilatar seu grau de narcisismo, pela quantidade de vezes que utiliza o pronome da primeira pessoa do singular. Este sujeito se faz, de fato, muito singular: *eu sou, eu faço, eu aconteço*. Ou então a pessoa que, num grupo, insiste em ser o centro das atenções, que monopoliza a conversa, não dando chance aos outros. Ou a pessoa que tem a mania de se olhar no espelho [...]. (NETTO, 2011, p.80 e 81).

A seguir, ele diz:

“We want to be one people and you, my youth, are to be this people.”

Mais uma vez, ele usa “we” (“nós”) para expressar um desejo que, talvez seja, na verdade, seu próprio e de ninguém mais.

Aqui, neste trecho do discurso, ele demonstra pela primeira vez sua busca por unidade: “one people”; um único povo que, de acordo com a ideologia nazista, era composto apenas por alemães considerados “puros”, excluindo todos aqueles que fossem diferentes disso. Seriam, portanto, um povo “eleito”, separado dos demais, por ser “escolhido” desde seu nascimento. Esta narrativa também é vista na Bíblia, como um possível interdiscurso ao qual este faz referência.

Vemos algo parecido, por exemplo, no livro de Deuteronômio: “O Senhor, o seu Deus, os escolheu dentre todos os povos da face da terra para ser o seu povo, o seu tesouro pessoal” (BÍBLIA, Deuteronômio 7:6b). É interessante pensarmos nesta referência, pois ela é comum para os cristãos e para os judeus. Tanto na Bíblia quanto

na Torá, o livro de Deuteronômio é o último que compõe o Pentateuco¹⁹, cuja autoria é atribuída a Moisés, o líder escolhido por Deus para guiar o povo israelita desde sua libertação no Egito, passando pelo deserto até a terra prometida, Canaã.

Há uma possibilidade, portanto, de Moisés ser a primeira figura messiânica que aparece por trás deste discurso. Com um aparente traço de megalomania, Hitler se coloca como sendo esse suposto “messias” para “sua” nação, para “seu” povo (destinado/escolhido - por forças superiores?), a quem ele profere estas palavras. Podendo ou não ter tal traço psicológico, o que, na verdade, parece mais importar é que as escolhas dessas palavras, ou seja, trazer tais interdiscursos religiosos pode, no mínimo indiretamente, gerar possíveis inculcações culposas em seus interlocutores, considerando-se principalmente o modo como tais interlocutores supostamente enxergariam “o grande” líder deles, o *Führer* da nação

Ele encerra a frase com “are to be this people”, o que nos faz entender que não há outro povo, senão a JH, que possa fazer parte deste ideal de futuro que ele imagina e projeta, mas que, devido às adversidades ainda por vir, ainda não são; mas, além deles, não há nenhum outro povo a ocupar tal posição supostamente “destinada” unicamente a eles. Tal compreensão pode ser vista a partir da escolha das palavras “are to be”, que indicam obrigação única, específica e destinada a alguém, mas ainda não alcançada devido a algo que impede uma dada realização em um dado momento do tempo.

Ele continua:

“We want to see no more class division. You must not let this grow up amongst you. We want to see one Reich one day and you must train for it. We want our people to be obedient and you must practise obedience.”

Ao falar sobre divisão de classes, devemos pensar, primeiro, no nome por extenso do Partido Nazista: Partido Nacional **Socialista** dos Trabalhadores Alemães. O partido nasceu por conta de um ideal contrário ao socialismo marxista, mas ele era, sobretudo, contrário ao capitalismo liberal que existia na época. O que o Nazismo propagava, de fato, era um socialismo com ideais nacionalistas, para a Alemanha,

¹⁹ O Pentateuco é o conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia (Gêneses, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) que estão no Antigo Testamento. Para os judeus, estes cinco livros constituem a Torá, que é a Lei de Moisés.

sem a necessidade de uma revolução em todo mundo, como era (é) proposto no marxismo (EVANS, 2016). Confinio (2016) também nos conta um pouco sobre isso:

Os nazistas promoviam sua própria modernidade, uma sociedade racial de arianos puros baseada na ideia de um forte líder e uma nação vocacionada para a hegemonia europeia, alternativa ideológica ao liberalismo no Ocidente e ao comunismo no Leste. Propunham uma comunidade nacional unida, desprovida de rivalidade de classes e de partidos políticos, de privilégios de aristocratas e mandachuvas, provida dos benefícios da tecnologia, da comunicação e da ciência moderna a serviço do povo, com uma vontade nacional encarnada em Hitler e apoio a um estilo de arte representativa. (CONFINIO, 2016, p.46)

Esta ideia, como outras propagadas pelo partido, ganhou força porque, a grande massa estava em condições precárias de (sobre)vivência, enquanto uma minoria aristocrata não abria mão de seus privilégios (EVANS, 2016). Havia, portanto, uma grande disparidade social e o povo, em sua maioria, queria que isso terminasse.

Junto a isto, temos a história pessoal de Hitler, particularmente o período que esteve em Viena. Por ter sofrido durante o tempo em que esteve nas ruas, com fome e, muitas vezes, não tendo nem mesmo onde dormir, lutar pela não divisão de classes acaba por ser quase uma consequência.

Ele diz que não quer mais presenciar essa divisão de classes e, sendo o líder, a figura “paterna”, exerce sua função correspondente: castra, pede o recalque, comanda a “seus” jovens que não deixem esse sentimento crescer entre eles, o que contribui para o ideal de uma unidade, em que todos seriam iguais (e obedientes ao “pai”).

Essa ideia de unidade continua em “We want to see one Reich one day”. Em alemão, a palavra “reich” pode ser traduzida como império, nação, reino. Ou seja, o desejo de futuro que ele parecia ter seria o de que um dia todos eles se tornassem “um só povo”. Novamente, então, ele retoma esse discurso que pode ser advindo tanto de ideais bíblicos quanto da própria simbologia que o termo “socialista” carrega no nome do partido.

Ele diz também que os jovens devem treinar para que esse único Reich exista. É importante lembrarmos que estes jovens, durante seu tempo na JH, eram treinados para o Nazismo. Por conseguinte, Hitler parece estar apenas dando uma ordem (ou o seu aval pessoal e direto) para que prosseguissem fazendo aquilo que já estava sendo

feito. Ele retoma o uso do “we”, e já os chama de “our people”, “nosso povo”. Como vimos, este povo é, justamente, estes jovens, que ele diz que tem que ser obedientes.

O que parece um tanto paradoxal, no entanto, é o fato de que o movimento tenha dado liberdade para os jovens se rebelarem contra seus pais, amigos, membros da família em geral e demais pessoas de seu círculo social e agora exigir obediência “cega”. Essa obediência é, portanto, unilateral: apenas a seus líderes nazistas, apenas ao *Führer*, o “pai supremo”.

A obediência é, também, um grande marco tanto no militarismo quanto na religião. É quase um senso comum que, no meio militar, os subordinados devam obedecer a seus superiores sem questionamentos, pois, caso contrário, podem ser punidos; e na religião, desvios doutrinários também podem levar a algum tipo de punição, talvez até eterna, como a infernal, caso escolhas muito erradas sejam feitas, apesar do livre arbítrio.

Ainda sobre obediência religiosa, mais especificamente agora na parte de seus discursos, assim como referido anteriormente, ela também aparece no livro de Deuteronômio:

Quem dera eles tivessem sempre no coração esta disposição para temer-me e para obedecer a todos os meus mandamentos. Assim tudo iria bem com eles e com seus descendentes para sempre! (Deuteronômio 5:29).

Obedecer, neste caso, surge como acreditar numa promessa: se você obedece, dias melhores virão. É um ato de confiança, em que se acredita que a pessoa (ou ser) a quem se está obedecendo sabe o que é melhor para o futuro. Hitler diz, ainda, que eles devem praticar a obediência, pressupondo, então, dificuldade nisso – daí também eles deverem ser “bravos”, “fortes”, a fim de aguentar a prática nada fácil da obediência. E como geralmente é com toda prática, tal ato se tornaria rotineiro, de modo que se possa culminar na realização de algo sem que ao menos se perceba, como se fosse estar afeito a algo através de condicionamento – até atingir a “perfeição” (pressuposta por alguém).

Outro ponto paradoxal é o que veremos no trecho a seguir:

“We want our people to love peace, but also to be brave and you must be peace loving.”

And so you must be peace loving and courageous at the same time.”

Como um eco dos resultados da Primeira Guerra Mundial, dizer aos jovens que eles devem amar a paz soa como um conselho para que não haja mais guerras, pois haviam passado por uma há pouco tempo e ainda sofriam suas consequências. Talvez esta seja apenas uma estratégia para iludir o público (como é o costume de determinados políticos) e encobrir seus reais desejos que, na verdade, não é a paz absoluta, preconizando-se tanto, assim, a obediência. Por isso, assim que aconselha os jovens a serem amantes da paz, ele logo diz que devem ser bravos, corajosos (e serem obedientes...). Isso talvez reflita a inculcação culposa, dando a estes rapazes o sentimento de que devem realizar um suposto “dever”, “obrigação” que, possivelmente, são oriundos de outrem.

Essa ideia é reforçada pela quase repetição das sentenças, que dizem praticamente o mesmo, trocando algumas palavras por sinônimos. Seria, portanto, um desejo subentendido ou uma “previsão” de que, em breve, estes jovens precisariam ser corajosos?

Isto nos leva a crer que sim, pelo menos desde a época em que esse discurso foi proferido, Hitler já parecia dar indícios de uma guerra vindoura. Para além disso, é recorrente, durante a História da Humanidade, usar a guerra como uma desculpa para se chegar a paz. Afinal, para se chegar à paz, já se pressupõe uma guerra precedente.

Esta ideia de bravura (e de guerra vindoura) continua ao se dizer:

“We want our people to remain strong. It will be hard, and you must steel yourselves for it in your youth”.

Novamente, ele usa termos que remetem à coragem, como a força, e avisa que será difícil, então nos perguntamos: por quê? Uma provável resposta para essa pergunta poderia ser, justamente, uma continuação da anterior: chegará o tempo em que entrarão em conflito e precisarão ser corajosos para permanecerem firmes, tanto nos ideais, quanto leais ao exército nazista. Afinal, eles recebiam treinamento semimilitar durante o tempo em que estavam no movimento. Esse treinamento, esse investimento nos jovens para que se tornassem bons guerreiros, não poderia ser em vão. Havia um propósito em tudo isso.

Esse excerto também pode estar ligado a outras passagens bíblicas, tais como: “Jovens, eu vos escrevi porque são fortes” (1 João 2:14b) e “É bom que o homem suporte o jugo²⁰ enquanto é jovem” (Lamentações de Jeremias 3:27). Na narrativa bíblica, os jovens são chamados para evangelizar e levar suas crenças adiante, pois eles representavam o futuro e a esperança de permanência e perpetuação da religião.

É, então, nesta força jovem que Hitler confiava para que moldassem uma nova nação, com seus ideais. Como numa nova religião, essas crianças e adolescentes recebiam instruções que deveriam ser passadas adiante a fim de que o Nazismo se perpetuasse.

Em tempo, é interessante ainda notar a escolha da palavra “steel” (“aço”): “Será difícil, e vocês devem *se blindar* para isso em suas juventudes”. Lembremos, assim, que, numa guerra, o que alguns soldados fazem para se proteger e quais alguns tipos de veículos que eles dirigem/pilotam. Seria essa palavra somente uma escolha “aleatória”, “ao acaso”? Psicanaliticamente falando, de modo algum.

“You must learn to suffer privation without crumbling once.”

Novamente, neste trecho, Hitler parece retomar suas próprias experiências. Como este sofreu privações, talvez acreditasse que os demais deveriam passar por isso também, a fim de que se tornassem tal qual ele era (“sua imagem e semelhança”) e vivessem tal como ele viveu (ser como “o salvador”). Isto nos mostra, mais uma vez, um possível traço narcísico-megalomaniaco de Hitler, que aparentemente acreditava que deveria liderar um novo mundo.

Mesmo disfarçado de conselho ou encorajamento, ele orienta “sua” juventude que deve passar por tais dificuldades sem cair sequer uma vez. É, portanto, uma ordem e, ao mesmo tempo, uma ameaça, pois não dá escolhas/opção aos ouvintes, senão o sucesso absoluto. Mas e se eles, por acaso, fracassarem nessa tarefa? Se eles caíssem? Se eles caíssem, provam não ser parte do “povo escolhido”; não seriam dignos; sendo, então, aquele que cair, descartável.

²⁰ O jugo é uma parrelha de bois, uma peça de madeira muito pesada, usada no arado. Portanto, este versículo remete à força do homem jovem.

“Whatever we create today, whatever we do, we will die, but Germany will live on in you. And when there is nothing left of us, then you must hold in your fists the flags that we hoisted out of nothing.”

É interessante pensarmos que, aqui, o “we”, em todas as vezes que aparece nesse excerto, talvez esteja realmente relacionado aos integrantes mais velhos do partido nazista. Pessoas estas que vinham fazendo muito em prol do partido, mas que um dia ficariam velhos e morreriam. Parece apenas uma constatação natural dos fatos, como se fosse a “ordem natural” da vida: os mais velhos tendem a falecer primeiro. Porém, ele usa este artifício para reafirmar a noção de perpetuação: “Germany will live on in you”. Trata-se, então, de uma confirmação do que vimos nos excertos anteriores, que o propósito de se investir em jovens era não somente criar um novo exército forte e saudável, mas uma forma de os ideais nazistas seguirem vivos e serem passados através das gerações futuras.

Esta concepção se fundamenta no que ele diz em seguinte: mesmo quando eles (os líderes do partido) deixarem de existir, estes jovens deverão segurar a bandeira que içaram a partir do nada. Trata-se, justamente, da bandeira do partido, que iniciou por eles mesmos.

É imprescindível pensarmos no significado que uma bandeira pode ter. Ao falarmos em nação, é um dos elementos que representam seu povo. Ela contém as características de determinado país, desde suas cores, brasões, emblemas, etc. Em leituras sobre o assunto, vimos que bandeira do partido Nazista foi projetada pelo próprio Adolf Hitler e possuía três cores: branco, preto e vermelho. Embora essas cores remetam à antiga bandeira do império²¹, segundo a propaganda nazista, a cor branca significava o nacionalismo, a vermelha, o lado social do partido e o preto, cor da suástica, a vitória dos nazistas sobre os judeus.

Além disso, em 14 de março de 1933, pouco depois de Hitler tornar-se chanceler, a bandeira nazista foi adotada como co-oficial. Poder-se-ia considerar, portanto, um dos primeiros indícios de que o partido não queria somente ocupar cargos de destaque, mas dominar e impor a conduta Nazista como sendo a única

²¹ É necessário recordarmos que, assim como Hitler, uma parte considerável da população não acreditava e até repudiava a república, que se deu de modo inesperado depois da Primeira Guerra Mundial, como explicitamos no capítulo 1 deste trabalho.

representação do povo alemão. Dois anos mais tarde, em 1935, a bandeira Nazista se tornou oficial, substituindo qualquer outra, mostrando, assim, o ufanismo não apenas propagado por Hitler, mas por aqueles que o seguiam.

Figura 6: A bandeira nazista estava presente em todas as partes da Alemanha



Fonte: Jornal Ciência (2018)

No uniforme da JH, bem como em outros uniformes nazistas, a bandeira com a suástica poderia ser vista facilmente, no braço esquerdo:

Figura 7: menino da JH vestindo o uniforme da SS em comício.



Fonte: Susan Campbell Bartoletti (2006)

O ato de “marcar” pessoas era uma atitude facilmente perceptível no Nazismo. Era uma clara segregação entre os “escolhidos”: jovens da JH, membros do partido, adeptos e demais alemães considerados “puros” *versus* aqueles que não faziam parte dessa nova nação: os judeus, que eram obrigados a usar a Estrela de Davi (um dos símbolos do Judaísmo) no peito, além dos demais que traziam marcas mais óbvias, como as pessoas de traços asiáticos e deficientes. (EVANS, 2016)

Figura 8: Judeus eram obrigados a usar a estrela de Davi no lado esquerdo do peito.



Fonte: Folha de Londrina (2016)

“Segurar a bandeira nos punhos”, portanto, não tinha um significado vazio, mas uma simbologia que carregava esse desmembramento da sociedade e fomentava o antissemitismo e demais ideias extremistas propagadas pelo Nazismo.

Em seguida, ele pronuncia o novo trecho que praticamente arremata o que viemos discutindo até aqui:

“I know this cannot be otherwise because you are the flesh of our flesh and the blood of our blood. In your young heads burns the same spirit that rules us. You cannot be other than united with us”

O que primeiramente nos chama a atenção neste fragmento é que, pela primeira vez, Hitler deixa de usar o “we” (nós) e usa “I” (eu), ou seja, ele se coloca, sem “mascarar-se” como o sujeito da ação. Por um lado, isto nos prova que nas

demais vezes que usou o “we”, ele, na verdade, estaria referindo-se quase sempre a si mesmo. Agora, porém, ele decide não apenas impor-se, mas instituir que não há outra forma de os jovens serem ou agirem, senão parte do plano nazista para uma nova nação.

A continuação da passagem remonta, justamente, menções bíblicas bastante conhecidas. Em livre tradução, ele diz “Porque vocês são carne da nossa carne”, mesmos termos usados por Adão, no livro de Gênesis, ao falar sobre Eva: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne” (BÍBLIA, Gênesis 2:23), pois a história bíblica nos conta que Eva havia sido feita a partir da costela de Adão, sendo os dois, de certa forma, um só. Como uma unidade inseparável. Isto reflete o desejo de Hitler para que os jovens se sentissem, agissem e pensassem como sendo apenas um, como aparente reflexo da inculcação culposa. Freud (2016) caracteriza este como sendo um comportamento comum entre as massas que tem um líder para venerar e seguir.

Ao falar sobre “sangue do nosso sangue”, ele se utiliza de métodos parafrásicos cuja referência não é somente o versículo que trouxemos anteriormente, mas demais passagens que remontam a esta concepção de sangue. Uma das acepções é que, historicamente falando, dar o sangue em prol de algo é, em suma, sacrificar-se. Além disso, quando falamos que alguém tem o nosso sangue, ou que compartilhamos do mesmo sangue, significa que essa pessoa teria alguma ligação familiar (como, por exemplo, o termo “laços consanguíneos”), ou laços muito estreitos de relacionamento (mais uma vez, surge a auto-imposta imagem paterna).

Há, ainda outras citações bíblicas que podemos fazer dessa relação com o sangue, que é visto como um caminho de sacrifício para a rendição, perdão, cura. Podemos ver isso em: “(...) sem derramamento de sangue, não há perdão” (BÍBLIA, Hebreus 9:22); “Nele temos a rendição por meio do sangue” (BÍBLIA, Efésios 1:7); “Como agora fomos justificados por seu sangue (...) por meio dele, seremos salvos da ira de Deus” (BÍBLIA, Romanos 5:9). Em algumas dessas passagens percebemos, inclusive, que, atrelado a este sacrifício de sangue, há uma batalha, uma luta - ideal compartilhado com o militarismo.

Sacrifício este feito por Jesus na cruz, que, segundo a bíblia, derramou todo seu sangue para salvar a humanidade. Ou seja, um líder que tiraria todos do pecado,

redimiria seus passados, daria “um novo céu e uma nova terra”, a promessa de dias melhores.

Em seguida, Adolf Hitler fala sobre um espírito que rege as mentes dos líderes e afirma que este mesmo espírito queima nas mentes dos jovens. É interessante pensarmos na escolha da palavra “espírito” pois esta tem como denominação algo que é, para a religião, um princípio vital – algo que faz parte de nós, que não pode ser desvencilhado. É diferente, então, de um espectro, um fantasma, que são “seres” sem essa “energia vital” e que estão fora de nós, não nos compõem enquanto humanos. Além disso, o espírito, na bíblia, também está ligado ao sangue, como ideia de unidade: “E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água e o sangue; e estes três concordam num.” (BÍBLIA, 1 João 5:8)

Esse espírito ao qual ele se refere é, por conseguinte, o sentimento ufanista em que se institui o Nazismo. Dentro desses jovens deveria, portanto, pulsar esse mesmo sentimento que pulsava nos líderes do partido, para que se fundasse a nação à maneira como eles desejavam.

Ele encerra esse trecho com uma ordem: eles não podem ser outrem, senão unidos com eles. Não há escolha, nem escapatória para aqueles jovens que lá estavam e tantos outros que ainda se tornariam adeptos ao movimento da JH. Hitler deixou clara aquela célebre frase “quem não está comigo, está contra mim”. Prova disso são os relatos históricos de alemães que, mesmo considerados “puros”, foram condenados por terem sido tidos como traidores do movimento, da pátria, de Hitler e afins.

De fato, Adolf Hitler não mentiu. Eles não podiam estar de fora do movimento. Caso contrário, morreriam.

“And when the great columns of our movement march triumphantly through Germany today, I know you will join the columns.”

Como uma consequência do que diz anteriormente, aqui, próximo do término de seu pronunciamento, Hitler faz mais uma referência a termos militares, como “marchar”, que é diferente de apenas caminhar, andar ou deslocar-se - a ideia que a marcha traz é de uma cadência, de investir sobre algo ou alguém. A marcha pode ser a marca de um determinado exército, pois nem todos tem a mesma ordem unida. Ela,

para ser bem-sucedida e ser impactante para o inimigo, deve ser bem trabalhada em grupo, para que todos ajam de uma mesma forma, sem erros. Por isso, Adolf Hitler fala sobre as colunas – que não tem necessariamente a ver com as colunas de uma construção, por exemplo – mas blocos de pessoas que estão a marchar.

Figura 9: Exército alemão avançando na Polônia, dando início à II Guerra Mundial, em setembro de 1939.



Fonte: Seu History (2018)

Outra palavra que merece atenção é “triunfantemente”. Hitler, como prova de seu narcisismo, sempre considerou apenas a vitória em suas aspirações. Seja na escola de BelasArtes em Viena, seja na sua luta durante a I Guerra mundial, seja aqui, nesse discurso, o que nos dá o que seria uma prévia de seus pensamentos com relação a uma guerra futura.

Ele tinha certeza do triunfo e tinha certeza da lealdade e submissão da JH, reafirmando que sabia que eles se juntariam às marchas.

E finaliza suas palavras com:

“And we know... Before us, Germany lies, in us Germany burns and behind us Germany follows”

Ele retoma o “we”, causando uma quebra dessa colocação dele enquanto sujeito ativo. Em seguida, faz uso de jargões aparentemente para aliciar, além de deixar outras promessas.

Há na expressão “Before us” duas compreensões que podemos ter: uma é a de que, antes deles, a Alemanha estava “deitada”, isto é, adormecida, como um reflexo dos anos difíceis pelos quais passaram, sem ninguém que a elevasse como a “terra prometida” que supostamente seria (na concepção que ele parecia ter). A segunda possibilidade vem também com a escolha do termo “before”, que pode significar “perante/diante de” (como preposição); nesse caso, poderia ser uma menção à essa “terra prometida”, a essa Alemanha tão sonhada por Hitler, a qual, nesse contexto, estaria logo ao alcance deles, já que o locutor parecia estar sempre certo de tudo, inclusive da vitória “predestinada”.

Depois disso, o locutor retoma um sinônimo para a palavra “queimar” em “dentro de nós a Alemanha arde”²² – como uma retomada do que disse anteriormente sobre o espírito que queima/arde nessas mentes. Como discutimos, este espírito, seria uma força vital que moveria os jovens através dos ideais do partido nazista.

E, por último, ele diz “atrás de nós, a Alemanha segue” – este “seguir” pode estar diretamente ligado ao fato de que, geralmente, quem comanda as tropas está à frente das colunas, liderando, dando ordens, sacrificando-se (supostamente). Eles (os líderes do partido, ele próprio e a JH), seriam esses comandantes que estariam à frente dessa nova Alemanha, dessa nova nação que eles próprios estavam construindo (ou tentando), como uma única nação / nação única, inteiramente nazista.

4.3 Análise geral

Como um todo, Hitler nos mostra seu caráter autoritário e mostra o quão extremista seu discurso, sua ideologia e suas práticas poderiam ser. Prova disso, são as constantes ordens que ele faz a cada excerto que discutimos, não dando escolhas para os jovens – ou eles estavam na JH, ou eram seus inimigos. Não havia meio termo.

Não há como não notarmos quantas vezes as palavras “we” (nós) e “want” (queremos) se repetem - mais de cinco – e, na mesma proporção “you” (você/vocês) “must” (deve/devem). Como brevemente apresentado, ao falar sobre “nós”, Hitler cria

²² Tradução livre.

um certo distanciamento dos desejos que ele expressa depois do verbo “querer”; porém, sabemos que é impossível ter ciência de tudo que se passa na mente (sobretudo inconsciente) dos indivíduos (inclusive na nossa própria). Portanto, esse “nós” a quem ele se refere, não parece ser ele junto aos seus líderes, mas sim somente a si próprio na grande maioria das vezes.

Outro marco dessa tentativa de distanciamento é dizer o “nós queremos”, mas são “vocês” que “devem”, quando, na verdade, isto elucida a inculcação culposa fortemente presente durante variadas partes do discurso que seria, justamente, imprimir esse desejo pessoal nas vontades de outrem. É como se ele se abstivesse de seus interesses e os colocasse em outras pessoas – nesse caso, os jovens – para que cumprissem com aquilo que ele desejava.

A escolha dos verbos também faz diferença, pois o “must”, diferente do “have to”, está carregado por uma esfera de dever/obrigação pessoal, alguma missão, algo que precisa ser cumprido a nível individual, subjetivo. Isto dialoga com as discussões trazidas, pois, todo tempo, Hitler parece fazer tais investidas na mente dos jovens, como conduções psicológicas para que eles fossem seduzidos a entrar e comungar desses ideais e se sentissem culpados caso pensassem de modo diverso daquilo que ele preconizava. O dever também está presente no militarismo, sobretudo no sentido de dever à pátria, mas também no dever de cumprir ordens que lhes são dadas sem muitos questionamentos (ou nenhum).

O militarismo vem, portanto, não apenas como treinamento para a JH enquanto novo exército de Hitler, mas como uma forma de não deixar brechas para discordâncias em seu discurso. Hitler parecia entender a força da palavra, mas entendia que, nem sempre, as pessoas podem ser convencidas com discursos. Existem, portanto, duas formas de persuasão: aquela que cativa alguém através do que é dito e a força – quando discordar não é uma opção. (FAIRCLOUGH, 2016)

Em constante diálogo com discursos religiosos - sobretudo cristãos, mas também judaicos - percebemos que Hitler faz uso dessa memória discursiva que está inserida na sociedade e praticamente se põe como o messias que iria tirar a Alemanha da situação em que ela se encontrava, (e)levando-a ao patamar “santificado” em que parecia supostamente acreditar, juntamente, claro, com todos os “filhos” “escolhidos” e “predestinados”.

Como crença religiosa, o termo refere-se originalmente à crença judaica na vinda de um libertador ou salvador, o messias, que poria fim a uma ordem caótica e perversa, estabelecendo uma outra de justiça e felicidade, como explica Vanderlinde (2008, p. 88). Essa crença foi também assumida pelos cristãos, para os quais as profecias do Velho Testamento sobre a vinda do Salvador concretizaram-se em Jesus. (BRITO; LARA, 2017, p. 64)

Esse sentimento messiânico sobre Hitler não surgiu do nada. Se pararmos para analisar a História e a cronologia dos fatos, vemos que, no início, eram poucos os que acreditavam que Adolf Hitler chegaria ao poder (EVANS, 2016; KERSHAW, 2010). Esse pensamento foi, aos poucos, sendo cultivado, talvez por suas próprias práticas discursivas, mas também por aqueles que talvez o vissem assim, influenciando-o ainda mais na solidificação dessa possível auto-imagem: “O “eu” está para o outro assim como o “sujeito” está para o Outro. O sujeito é determinado pelos significantes do Outro. A identidade – que é imaginária – do eu vem do outro, mas o sujeito é sem identidade” (QUINET, 2012, p.22). Isto pode ter contribuído para seus traços narcisistas, como uma exaltação e amor (já exacerbado) por si próprio.

Talvez Adolf Hitler “vestisse” esse “personagem” em seus pronunciamentos (visto que usava a arte como um desses seus três elementos cruciais, aqui já discutidos), a fim de melhor convencer o público através do poder da palavra e, ao longo do tempo, tenha terminado crendo piamente em sua própria atuação. Em outras palavras, numa possível mescla do seu imaginário com a realidade, não seria impossível que Hitler, de fato, imaginasse que ele fosse esse messias cuja imagem aparentemente tanto tentava passar ao se pronunciar, uma vez que ele pode ter passado, em algum momento ao longo do tempo, a acreditar naquele papel artístico que outrora havia iniciado sem lá muitas crenças, justamente devido ao fato de, inicialmente, perceber isso como performance/interpretação/atuação, uma perversão (psicanaliticamente falando), de modo a induzir o público a realizar seu desejo, o que, mais tarde, solidificando-se isso como crença, poderia ser interpretado como traços de esquizofrenia, e não mais de perversão.

Como diria Lacan (2008, p.76), “A defesa do sujeito, se é verdade que o sintoma fragmenta a personalidade, consistiria, pois, em levar em conta esse perigo proibindo-se tal acesso à realidade, sob uma forma simbólica ou sublimada.” Sobre esse mesmo ponto, Freud (2016, p.281), com efeito, defende: “Tanto a neurose quanto a psicose

são a expressão da rebelião do Isso contra o mundo exterior, seu desprazer, ou, se preferirem, sua incapacidade de se adequar à necessidade real [...].

É imperativo esclarecer aqui, no entanto, que, simplesmente pelo fato de alguém apresentar um (ou alguns) traço(s) esquizofrênico(s), paranoico(s), obsessivo(s), egocêntrico(s), etc., isso não necessariamente faz esse indivíduo ter, imediata e indubitavelmente, este ou aquele distúrbio psicológico. O que se está tentando ressaltar aqui é a necessidade de atenção para quando tais traços ou características emergem / são claramente perceptíveis no sujeito, bem como o como os discursos desse sujeito significam, pois todo sujeito se diz mais do que pensa dizer ao enunciar.

Ademais, os discursos religiosos podem ser bastante persuasivos, por tocarem em sentimentos críticos do ser humano, como culpa, medo, amor, solidariedade, incertezas quanto ao futuro, etc. (MELO et al, 2017). Usá-los, mesmo que “disfarçadamente” em seu discurso pode ter sido uma estratégia (consciente ou não) que Hitler teve para “cativar”, ou melhor, convencer seu público alvo.

O discurso inteiro parece uma carta motivacional – não para que os jovens desistam (pois não se considerava essa opção), mas para que não desanimassem e para dar perspectivas futuristas com promessas de uma Alemanha que eles próprios estavam moldando de acordo com os interesses nazistas.

Diante de um povo cuja autoestima estava num estado quase deplorável, sobretudo ao alimentar sentimentos de impotência diante dos países que os culpabilizavam pela guerra, além da obrigação de dar uma parcela considerável de sua renda como multa, Hitler parece ter usado esses sentimentos para finalmente alcançar tudo que seu ego parecia gritar a ele: sua (suposta) superioridade, a qual parecia ser sempre “injustamente roubada” por outrem que frustravam seus ideais ao longo da vida, ou ao menos assim talvez ele visse.

O ideal megalomaníaco vem, portanto, para elevar a moral alemã da época e fazê-los acreditar que poderiam ser (mesmo sem ser possível) uma superpotência (senão a superpotência) mundial, principalmente ao se considerar a imagem (ilusória) que Hitler parecia tentar passar de que a santíssima trindade estava ali presente: 1) Hitler, a suposta divindade suprema, ao se considerar como possível imagem paterna dos “seus filhos”, os quais, por sua vez, seriam 2) os soldados, a “sua” juventude

alemã (mas todos eles representando uma única entidade: “o filho”, já que tinham que obedecer ao “pai”) e 3) a Alemanha nazista (e/ou o nazismo em si) como sendo o “espírito santo”, considerando-se que ele (o espírito santo) poderia adentrar a mente e o coração dos indivíduos fazendo-os arder/queimar.

Não esqueçamos, afinal, das próprias palavras de Hitler, (a Alemanha) “Vai seguir à diante vivendo *dentro* de vocês. Em suas jovens mentes *queima/arde o mesmo espírito* que nos governa. *Dentro de nós, a Alemanha queima/arde.*”

Dessa forma, sendo três “em um só”, ou seja, sendo uma suposta trindade com um só propósito, ao menos na mente dele, Hitler parecia ter finalmente encontrado seu mundo utópico (imaginariamente fragmentado) de unicidade, de completude perpétua, de dominação mundial. Um “we” (nós) que, na verdade, não considerava a acepção própria da palavra, ou seja, era um “nós” que não incluía *todos* nós. Talvez ninguém. Só ele mesmo. Ele e os vários “nós” de sua mente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante pensarmos que este discurso que analisamos é apenas um dentre tantos outros que foram pronunciados por Hitler durante o período em que esteve trabalhando ativamente na vida política e, portanto, pública. Dessa forma, estudos maiores podem comprovar algumas das discussões que aqui trouxemos, bem como trazer outras novas e mais aprofundadas que não necessariamente tenham a ver com nossa área de Análise de Discurso, mas outras que também estejam ligadas a este tema.

Neste momento conclusivo, ressaltamos as já explanadas variadas estratégias retórico-discursivas aparentemente insidiosas de Hitler, trazendo à luz aqui algumas formações discursivas e ideológicas de inculcação culposa que consistiam, basicamente, em imprimir no outro um desejo que, na verdade, parecia estar mais ligado a ele próprio.

Evidenciamos alguns dos possíveis interdiscursos que parecem visar convencimento populacional em massa, como o uso de elementos discursivos e métodos parafrásicos ou de simples reprodução do discurso (como resultado da memória discursiva) advindos da religião e do militarismo, que podemos dizer serem elementos constitutivos da psique de Hitler. Mas, a partir disso, elucidamos também que nem sempre é possível convencer alguém através da “simples” palavra. Hitler colocou em seus discursos fortes chantagens, ameaças psicológicas dispostas em um p(l)ano de fundo que consistia em “siga-me ou morrerás”²³, aparentemente colocando-se, para isso, acima dos homens. Por isso, usar a força foi o último dos casos que ele utilizou para que a população estivesse ao seu lado, afinal de contas, é sempre menos dispendioso e trabalhoso (além de mais duradouro) escravizar através do consentimento/convencimento do que através da força.

Abrimos, com isso, ao longo da análise do *corpus*, certas margens para possibilidades de presença de possíveis distúrbios psicológicos do discursista, tais como megalomania, narcisismo e esquizofrenia, por exemplo, uma vez que consideramos a natureza dos interdiscursos que compõem o *corpus*; em outras palavras, uma vez que se considera como o discurso parece revelar o discursista, mesmo que, conscientemente, ele procure “se ocultar”.

²³ O medo de serem “rechaçados” fez que com o partido ganhasse cada vez mais adeptos.

Ao avaliarmos como, por meio dessas práticas, uma população jovem parece ter sido convencida a engajar-se no conflito bem como fazer parte (primeiramente, de forma voluntária) do movimento, torna-se imprescindível falar sobre como funciona a psicologia das massas trazida por Freud (2016), onde há, inclusive, o apagamento do indivíduo em prol do pensamento único em conjunto e como estes indivíduos estavam inscritos em determinadas formações discursivas e ideológicas que possibilitavam a adesão quase completa do que Hitler dizia.

Ressaltamos a importância de um estudo como este que trouxemos para questões atuais, a fim de que sempre possamos ter um olhar crítico sobre líderes que tenham posturas possivelmente ditatórias e, em tempos atuais, prestar mais atenção às lições que a História nos deixou (e sempre deixa) para que passados consideravelmente amargos não se assemelhem mais ainda ao nosso, muito menos se repitam.

É interessante e necessário realizar reflexões acerca de regimes políticos, de discursos e da influência que estes podem exercer em diferentes massas, as quais, por vezes, parecem não questionar certas atitudes enquanto ainda podem, enquanto um regime ditatorial ainda não é imposto (mais outra vez). Procurou-se, então, mostrar como tudo isto, muitas vezes, não está tão evidente, mas numa escolha de palavras aparentemente inócuas que, mesmo quando feita de modo inconsciente, mostra-nos muito da ideologia que está por trás de quem as pronuncia, ou seja, que subjaz ao sujeito, que, por vezes, sequer se dá conta disso (tanto com relação a quem fala ou quem ouve / lê).

Não há, conseqüentemente, discurso “raso”, “vazio” ou “trivial”. Por mais “simples” que ele possa parecer, acreditamos que há muito por trás do que é dito e que, para entender isso, é necessário um percurso histórico, político e social, pois, como bem se sabe, todo sujeito é heterogêneo, tem uma história constituinte (ou várias), tem seus próprios pensamentos (e alguns outros em seu Outro influenciados pelos dos outros), está inscrito em determinado lugar, momento e ideologias (nem sempre coerentes e harmônicas entre si); e tudo aquilo que vive, vê, ouve, guarda, etc. faz parte do que é e de como se expressa através do discurso (ORLANDI, 2009).

Com tudo isso, é imprescindível que nós, após estudarmos e termos ciência de todas as atrocidades cometidas pela Alemanha Nazista, de termos entendido como tudo se deu em eventos em cadeia - que poderiam ter sido evitados quando eram bem

menores, no começo de toda história - não deixemos que a memória daqueles que sofreram se vá junto com eles.

Uma pesquisa publicada em 2017, revelou que, só no Brasil, existem cerca de 150 mil adeptos ao Neonazismo e outro dado alarmante é, também, o número crescente de pessoas negacionistas do Holocausto (ou, como preferem ser chamados, “reviscionistas do Holocausto”). Os integrantes desses grupos têm usado a *internet* como principal suporte para propagar suas ideias antissemitas (SARMENTO, 2017), com discursos muito próximos do que vimos aqui neste trabalho.

É, por conseguinte, nosso dever enquanto pesquisadores, fazermos valer nosso compromisso com a verdade e, amparados em princípios morais e éticos, combater tais posturas, através da posse e do porte daquela velha arma que nós possuímos: nossos estudos.

É, ainda, nosso dever enquanto professores da área de Letras, ensinar nossos alunos a não apenas decodificar textos, mas a interpretá-los, analisa-los em seu sentido mais amplo e aprofundado, mesmo frente a tantas adversidades – provenientes de diferentes origens.

Por fim, estamos seguros de que as discussões trazidas nesta pesquisa deverão motivar a realização de trabalhos semelhantes, não apenas na área de Letras, mas também na de Psicologia, na de História, na de Sociologia, dentre outras. Podemos afirmar, sem receio de exageros, ser emergencial que haja um trabalho ainda maior e interdisciplinar para que saibamos lidar com os crescentes movimentos ligados ao Nazismo e, ainda, para educarmos esta e as próximas gerações de uma maneira profusamente diferente daquela como os jovens alemães foram, enquanto faziam parte da Juventude Hitlerista.

REFERÊNCIAS

- ADOLF Hitler, speech to his youth, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CqzmE2OB0bE&t=445s> > Acesso em 30 de setembro de 2017.
- ANTÓN, Jacinto. **A fábrica de filhotes nazistas**. Disponível em : < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/01/internacional/1478025759_957657.html > Acesso em 10 de dezembro de 2018.
- BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude Hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- BASTOS, Alexandre Fleming Vasques. **Discurso, ideologia e sujeito: tensionando fronteiras**. In: LEITURA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística: número temático: Ideologia e práticas discursivas (Universidade Federal de Alagoas), Programa de Pós- Graduação em Letras e Linguística – Faculdade de Letras. N 19 (jan-jun 1997) – Maceió: EDUFAL, 1997.
- BELLO, Livia. **Retórica, oratória e sofisma – O Guia Completo**. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/economia/vida-de-empresario/blog-the-speaker/retorica-oratoria-e-sofisma-o-guia-completo,0bef52db3a526a1f07e5ce49506da41d6kv1suft.html>> Acesso em 15 de janeiro de 2019.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- BRASIL. Lei nº 7.716 de 05 de janeiro de 1989**. Brasília: Presidência da República do Brasil, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716.htm> Acesso em 16 de outubro de 2018.
- BOCK, Ana. Et. al. **Psicologias: uma introdução ao Estudo da Psicologia**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.
- BRAUN, Stuart. **"Quem foi Hitler?", questiona documentário**. Disponível em: < <https://p.dw.com/p/2fUGS> > Acesso em 08 de janeiro de 2019.
- BRIGUET, Paulo. **A estrela do ódio**. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/blogs/paulo-briguet/a-estrela-do-odio-961878.html>> Acesso em 05 de janeiro de 2019.
- BRITO, Clebson Luiz de; LARA, Glaucia Muniz Proença. Messianismo como discurso e como cenografia. In: MELO, Monica Santos Souza (Org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017
- BROWN, Jessica. **Do psychopaths really make better leaders?** Disponível em < <http://www.bbc.com/capital/story/20171102-do-psychopaths-really-make-better-leaders> > Acesso em 30 de junho de 2018.
- CALDEIRA, João Paulo. **A vida de Hitler em imagens**. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/a-vida-de-hitler-em-imagens>> Acesso em 05 de janeiro de 2019.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

COGGIOLA, Gustavo. **A Crise de 1929 e a Grande Depressão da Década de 1930**. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/287205265 A Crise de 1929 e a Grande Depressão da Decada de 1930](https://www.researchgate.net/publication/287205265_A_Crise_de_1929_e_a_Grande_Depressao_da_Decada_de_1930)> Acesso em : 01 Outubro 2018.

CONFINO, Alon. **Um mundo sem judeus**. Tradução de Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2016.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CORES, Pablo Jiménez. **A estratégia de Hitler: o messias do Apocalipse – as raízes ocultas do Nacional-Socialismo**. Tradução de Silvia Massimi. 3.ed. São Paulo: Madras, 2009.

COSTA, Camilla. **O nazismo era um movimento de esquerda ou de direita?** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-39809236>> Acesso em 05 de janeiro de 2019.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. 3.ed. São Paulo: Planeta, 2016.

_____. **O Terceiro Reich em guerra**. 3.ed. São Paulo: Planeta, 2016.

_____. **O Terceiro Reich no poder**. 3.ed. São Paulo: Planeta, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. 3.ed. Nova Iorque: Routledge, 2015.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FEST, Joachim. **Hitler**. Tradução de Analúcia Teixeira. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

FLÔRES, Onici. **Teorias do texto e do discurso**. Canoas: Ulbra, 2006.

FOTOS mostram Hitler 'ensaiando' discursos na prisão em 1925. **G1, portal de notícias da Globo**, 12 jul. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/fotos-mostram-hitler-ensaiando-discursos-na-prisao-em-1925.html>> Acesso em 19 de setembro de 2017.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016.

_____. **Neurose, psicose, perversão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FUKUE, Mario Rafael Yudi. **Contribuições do conceito de identificação imaginária lacaniana para a análise do discurso**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/POSTERES/MarioRafaelYudi>> Acesso em 10 de janeiro de 2019.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Alfa, 39: 13-21, 1995.

GRIGG, Russell. **Lacan, Language, and Philosophy**. USA: State University of New York Press, 2008.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

HOLOCAUST ENCICLOPEDIA. **Hitler Youth**. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/hitler-youth-2>> Acesso em 9 de dezembro de 2018.

JORDÃO, Aline Bedin; PETRI, Verli. **No entremeio da análise de discurso e da psicanálise: as bordas do real**. Entremeios: Revista de Estudos do Discurso, v. 16, jan.- jun./2018. Disponível em <<http://www.entremeios.inf.br>> Acesso em 05 de janeiro de 2019.

JORNAL CIÊNCIA. **Fascínio e terror colore fotos raras da Alemanha Nazista**. Disponível em: <<http://www.jornalciencia.com/fascinio-e-terror-colorem-fotos-raras-da-alemanha-nazista/fotos-revelam-fascinio-e-horror-nazista/>> Acesso em 05 de janeiro de 2019.

KENNERLY, Ana Paula Sensiate. **O uso da oratória para o poder de Hitler**. Disponível em: <<https://anasens.jusbrasil.com.br/artigos/432067652/o-uso-da-oratoria-para-o-poder-de-hitler-2013>> Acesso em 5 de janeiro de 2019.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário: as psicoses (livro 3)**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Os complexos familiares**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACERDA, Inês Araújo. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

LINDHOLM, Charles. **Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração o líder**. Tradução de Carlos Augusto Costa Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MELO, Monica Santos Souza (Org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017

MIRANDA, Sidnei Barbosa de. **Oratória ou retórica?** Disponível em : <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/oratoria/18897>> Acesso em 10 de janeiro de 2019.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v.2. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NAVARRO, Roberto. **Por que a Primeira Guerra começou**. Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-a-primeira-guerra-comecou/>> Acesso em 10 de dezembro de 2018.

NETTO, Geraldino Alves Ferreira. **Doze lições sobre Freud & Lacan**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2011.

OLIVEIRA JÚNIOR, Clécio Antônio Barbosa. **Pronunciamentos de Churchill e Hitler no contexto da Segunda Guerra Mundial: uma análise de conteúdo.** Revista Panorama [on-line]. Goiás: PUC Goiás, 2013. Disponível na internet: <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/viewFile/3440/2011>> ISSN 2237 - 1087

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 8.ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. **Papel da Memória.** IN: Papel da Memória. Pierre Achard et al. Tradução: José Horta Nunes. 1ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1999, p.49-50.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SARMENTO, Claudia. **Extremistas disseminam revisionismo do Holocausto.** Disponível em < <https://oglobo.globo.com/mundo/extremistas-disseminam-revisionismo-do-holocausto-20875693> > Acesso em 11 de dezembro de 2018.

SEU HISTORY. **Alemanha invade Polônia e tem início Segunda Guerra Mundial.** Disponível em: < <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/alemanha-invade-polonia-e-tem-inicio-segunda-guerra-mundial> > Acesso em 06 de janeiro de 2019.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **HITLER. Brasil Escola.** Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/hitler.htm>>. Acesso em 08 de janeiro de 2019.

SZKLARZ, Eduardo. **7 motivos que fizeram os alemães embarcarem na loucura de Hitler.** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/7-motivos-que-fizeram-os-alemaes-embarcar-na-loucura-de-hitler/>> Acesso em 20 de dezembro de 2018.

THE Hitler youth program. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CqzmE2OB0bE&t=445s> > Acesso em 30 de setembro de 2017.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala.** Petrópolis: Vozes, 1986.

APÊNDICE – Traduções para Língua Portuguesa de passagens em Língua Inglesa**Citação da página 31:**

As atividades da juventude nazista substituíram intencionalmente atividades anteriormente oferecidas por instituições religiosas, em um empenho para desafiar as reivindicações da igreja à autoridade moral.” (HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA, 2018)

Citação da página 33:

(...) todas as outras organizações juvenis foram proibidas. A Juventude Hitlerista e seus auxiliares tornaram-se o único movimento legal da juventude na Alemanha nazista. Em 1936, a Lei sobre a Juventude Hitlerista tornou obrigatória a adesão de todas as crianças com mais de dez anos de idade. (HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA, 2018)

Corpus, página 45

Minha juventude alemã,

Depois de um ano, posso cumprimentá-los aqui novamente. Vocês estão aqui hoje, neste lugar, de modo transversal ao que está ao nosso redor em toda a Alemanha e sabemos que vocês, meninos e meninas alemães, estão cumprindo tudo o que esperamos da Alemanha.

Nós queremos ser um povo e vocês, minha juventude, serão esse povo.

Nós queremos não ver mais divisão de classes. Vocês não devem deixar isso crescer entre vocês. Queremos ver um Reich um dia, e vocês devem treinar para isso. Queremos que nosso povo seja obediente, e vocês devem praticar a obediência.

Nós queremos que nosso povo ame a paz, mas que também seja corajoso; e vocês devem ser amantes da paz.

Então, vocês devem ser amantes da paz e corajosos ao mesmo tempo.

Nós queremos que nosso povo permaneça forte. Vai ser difícil, e vocês devem se esforçar para isso em sua juventude.

Vocês devem aprender a sofrer privações sem desmoronar uma vez.

O que quer que criemos hoje, o que fizermos, morreremos, mas a Alemanha viverá em vocês. E quando não houver mais nada de nós, então vocês devem segurar em seus punhos as bandeiras que nós içamos do nada.

Eu sei que isto não pode ser diferente, porque vocês são carne da nossa carne e o sangue do nosso sangue. Nas suas cabeças jovens queima/arde o mesmo espírito que nos governa. Vocês não podem ser outros, senão unidos a nós.

E quando as grandes colunas do nosso movimento marcharem triunfantemente pela Alemanha hoje, sei que vocês se juntarão às colunas.

E nós sabemos... Antes de/Diante de/Perante nós, a Alemanha jaz, em nós a Alemanha queima/arde e atrás de nós a Alemanha segue.

Citação da página 48

Embora Freud sugira que o amor transferencial difere do amor real por sua intensidade, ele fica mais impressionado com suas semelhanças - amor transferencial e amor real são repetições de comportamento estereotipadas por condições registradas no sujeito, prontas para emergir sob circunstâncias externas favoráveis. (GRIGG, 2008):